



Universidade da Amazônia

Angélica e Firmino

de Araújo Porto Alegre

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



Angélica e Firmino

de Araújo Porto Alegre

Interlocutores

Firmino
Angélica
Dona Clara
Cândida
Gustavo
Antônio
Adolfo
Mirabeau
Pompeu
Dionísio
Criado
Tibério
Barão de Jenipapo
Catão
Arnaud
Médico Velho
Uma Mucamba

PRIMEIRO ATO

Sala com uma janela à direita, que deita para o mar; duas portas no fundo que dão ingresso para a alcova de Firmino, à esquerda, e para sua biblioteca, à direita. No meio da sala uma grande banca com lampião de globo, muitos livros, brochuras, mapas, papéis espalhados, instrumentos de física, tudo formando uma pitoresca desordem. É noite.

CENA I

Firmino, abrindo a janela.

[Firmino] — Que formoso luar! Como é límpida a atmosfera dos trópicos! Como brilha o Cruzeiro do Sul entre essas miríadas de sóis que iluminam o trono do Senhor, e como tudo na terra se prepara para embalsamar o coração no mais suave perfume! Tudo dorme e se refocila para a continuação da obra que hoje findou. A ampulheta diária renovará as mesmas cenas no dia de manhã; o círculo de luz que começa na aurora e acaba com as trevas se fechará sem lançar um raio no futuro, nesse futuro imenso, aonde dorme o gigante do Equador, e em cujo trono virá um dia assentar-se a nobre civilização, escoltada do seu séquito sublime, e avultar no mundo quanto o Amazonas avulta sobre todos os rios da Terra. Ó minha pátria, minha querida pátria! Um sagrado delírio nos faz estremecer todas as fibras e eleva o meu pensamento à morada dos sonhos elísios; uma doce prelibação fruo na taça das delícias quando te contemplo! A árvore da vida, que em ti se agiganta com

triplicada beleza, com força desusada, ainda cresce para muitos como a túbera nas entranhas da terra, em trevas profundas. Não, apesar de tudo a humanidade há de marchar, mesmo em despeito do fatal exemplo da prosperidade do vício, da elevação da mediocridade e do triunfo da impunidade. (Senta-se à mesa) A palavra neste século deve substituir a espada; o prelo, o campo de batalha e as idéias, o indivíduo. Avante, que a conquista é bela e o futuro, imenso. Mais bela seria, mais rápida, mais sublime, se o capricho não substituísse a razão, e... Sensualismo, sensualismo puro! Orgia de sibaritas, que semeiam flores no túmulo da pátria, que em pleno dia caminham às apalpadelas, que na hora em que o chão fumega com o ardor do sol olham para o céu e não encontram o rei dos astros, porque para os seus sentidos o mundo é uma habitação de trevas, onde só brilha o moribundo farol do interesse particular. Ó mocidade, mocidade, fênix das nações, esperança de... (Ouve tocar dentro uma campainha) O que será? Creio que Angélica precisa de alguma coisa, Desgraçada menina! Que paixão oculta lhe fermenta no peito! A flama que a nutre é a mesma que a devora; eu não ousa perguntar-lho, e nem suspeito por quem ao certo. Que coração tão nobre, que alma tão grande, que imaginação tão sublime!... Talvez que algum desses monstros filhos da beleza física, algum extravagante encoberto, desses profanadores, dissipadores, que têm por ofício o ócio e por glória o escândalo... Talvez que algum desses saltimbancos seja a causa do seu definhamento. Sensível, apreensiva, daquela casta de gênios os mais felizes e os mais infelizes, vai sofrendo em silêncio suas mágoas enquanto os outros irmãos rolam nas futilidades. Vamos a trabalhar, vamos mostrar, sem os atavios da eloquência, mas com a razão e com os exemplos, os males incalculáveis da impunidade e das calúnias da imprensa. (Principia a escrever; ouve passos na biblioteca) Quem está aí? Minha tia já veio do baile, ou chegam agora?

Angélica (Dentro) — Sou eu, meu primo, que procuro um livro. Não dá licença?

Firmino — Coitadinha! (Para Angélica) Que livro quer, que eu lho vou dar? (Levanta-se e vai à porta) Prima Angélica, não faça imprudências; ler a esta hora?!

Angélica (Dentro) — Não se incomode, já o achei; aqui está.

CENA II

Angélica e Firmino

Angélica — O meu favorito, Werther, que sublime obra!

Firmino — Werther! Werther sublime para vós?! Como é possível casar a fantasia de uma virgem com a de um insensato, que progressivamente se vai amortalhando em vida com o negro fel que lhe insufla o gênio do mal, para destruir uma existência que só pertence a Deus? Que idéias são essas, minha prima? A rosa não parece mais bela e mais odorosa quando vegeta num vaso de alabastro do que na sepultura de um finado?

Angélica — Eu não simpatizo com Werther, mas sim com o seu imortal autor. Decerto que a alma de Goethe se achava contristada no apogeu da dor quando debuxou este lúgubre painel (Mostrando o livro). A rosa que vegeta entre ciprestes, que se emaranha por entre túmulos, acaso perde o seu aroma e a sua beleza? Porventura achais uma profanação do sublime o perfume que derrama a flor sobre a campa da inocência? Não será esse perfume uma espécie de substituição às penas da vida mundana, um hino da poesia da natureza, um retrato daquela alma que vagou entre nós e que desperta uma saudade, um suspiro no semblante melancólico e contemplativo de outra vítima, que desperta mesmo um sorriso, que salpica em

suas faces esse toque sublime do pincel da natureza, quando retrata os extremos? Primo, bem vos conheço; acaso não tenho lido as vossas produções e seguido vossa alma nos vãos ardentes do entusiasmo, acompanhado no mundo e nos céus a abalada do vosso gênio?

Firmino — Se me conheceis, basta. Mas só vos direi uma coisa: as aparências não são sempre realidades. O mundo interno do coração é mui diverso daquele em que vivemos.

Angélica — É isso mesmo que eu vos queria dizer. O vosso frio envoltório é denunciado por essas páginas vulcânicas com que cada dia mimoseias a pátria com o pseudônimo de Brasília Elísio.

Firmino — Minha prima, como soubestes esse segredo, que só eu e meu livreiro sabemos, e mais meu tio?...

Angélica — E eu, que o adivinhei, e arranquei-o de meu pai.

Firmino — Mas sabeis que ele importa uma vitória ou uma desgraça?!

Angélica — Apesar de mulher, tenho um túmulo para guardar o que devo. Ai... Ando tão fraca (Senta-se perto da janela, olhando para o mar), a vida me parece um fardo pesado. Como o reflexo da lua pinta sobre as ondas de um combate de serpentes de fogo, e como o mar se estende tão suave que parece um chamalote de azul e prata! Como as montanhas de Niterói se ocultam no mistério da noite! Esta hora, primo, é esposa da meditação. Vossa imaginação deve inflamar-se à vista da sublimidade desta baía, vós que vistes toda a Europa, que sois poeta, que sois filósofo...

Firmino — Médico, médico nesta terra; um mau médico, se quiserdes.

Angélica — Cirurgião, cirurgião, para mim: médico... Duvido.

Firmino — E por quê? Pois ainda há pouco me dizíeis...

Angélica — Que tínheis talento, imaginação, entusiasmo, amor da pátria... Mas a medicina tem alguma coisa de mais sublime ainda, alguma coisa de divino, e que está muito acima do estudo das escolas. A medicina deve ter sempre duas boticas, uma em casa do farmacêutico e outra na alma do médico. Os médicos gostam muito da primeira, e eu acho que a segunda pode operar curas muito mais milagrosas.

Firmino — Tendes muita razão, mas, para obtê-la, não bastam as câs e o estudo dos livros. É necessário uma longa prática, ou ter nascido para decifrar esses mistérios que encobrem a palidez do rosto e a magreza das formas. As mágoas são um verdadeiro proteu do nosso físico. Efeitos materiais, causas misteriosas, véu de dissimulação, aparências ocultando realidades, eis o mundo... Mas nesta regra geral há honrosas exceções. Ainda se encontra a verdade.

Angélica — E infeliz da humanidade, se assim não fosse. Há outra casta de médicos ainda, que curam radicalmente muitos males: eles aplicam à alma um bálsamo consolador e a guiam para essa senda divina que não acaba neste mundo. Quando a vida se converte em trevas, e erra a esperança no centro de uma caverna escura; quando os passos da insensibilidade e a celeuma da indiferença fazem o círculo da existência, a religião é o único remédio, e a morte, a verdadeira felicidade. Homens de espírito conheço eu de perto, com brilhantes ademãs, mas com uma imaginação que lhes destrói a estrada do coração.

Firmino — Engano! A razão... (Sorrindo-se com ironia) Entendo perfeitamente. Ora bem. Se eu pedir-vos que depositeis em vossos lábios esse coração atormentado por um suplício oculto; se o vosso médico, porque o sou, vos rogar que com toda a singeleza...

Angélica — Uma estrela nebulosa cintila em minha alma, e seus pálidos raios perdem-se na escuridão do futuro... Ah! Que se um astro benéfico me derramasse aqui outra torrente de luz, quanto seria eu feliz!

Firmino — Angélica, desconfiais do vosso médico e dais armas, ao mesmo tempo, para combater vitoriosamente todos os vossos ditames. Seja como for, desprezai o médico e substituí-o pelo parente ou pelo amigo.

Angélica — Sois meu amigo? (Levanta-se precipitadamente) Dizei-me outra vez essa palavra, que encerra uma idéia tão sublime quanto rara.

Firmino — Por que duvidais?! Quando à aliança do sangue vem a do coração unir-se com as suas homenagens sagradas, a amizade toma esse caráter augusto que beatifica a existência. (Olha para ela fixamente) Angélica, de duas coisas uma: ou vossa imaginação é o algoz de vossa vida, ou um grande combate se trava em vossa alma. Tendes um amor secreto que vos atormenta, ou uma dessas ilusões romanescas que esvoaçam na mente de algumas donzelas e se emaranham em outras ilusões... Vós amais.

Angélica (Perturbada um tanto) — Algum saltimbanco da moda, algum espartilhado... Não é assim, meu primo e senhor doutor?

Firmino — Longe a dissimulação feminina. Muito tenho visto e muito observado. Teoria e experiência tenho do mundo, e a minha penetração leu agora em vossos olhos, em vossas palavras, o interior do coração.

Angélica — Se a vossa ciência é tão sublime, escusado é interrogar-me.

Firmino — A fisionomia representa a alma, como a sombra de um corpo ao clarão do archote, mas não distingue as cores e as particularidades do objeto que se pinta na parede.

Angélica — Resquício que não recebe o clarão da verdade, centelha da vaidade humana. A sombra não é o objeto: nas formas e no colorido está a alma da pintura.

Firmino — Mas a sombra acompanha todos os movimentos do corpo, assim como a fisionomia os da alma. Basta de imagens. Dizei-me francamente: por que vos desagrada o futuro? Não é ele fluente e risonho para os sonhos de vossas esperanças?

Angélica — Não.

Firmino — Não! E por quê?...

Angélica — Chegou minha mãe... Vou recebê-la.

Firmino — Acabai, senhora.

Angélica — É cedo; mais tarde o sabereis, sem ser de mim.

Firmino — Quem prolonga a esperança, nela morre. (Senta-se à banca e Angélica retira-se. Prepara-se para escrever) Eu hei de descobrir este segredo, é do meu dever. (Ouve vozeria e o rodar de uma berlinda) Aí chegou minha tia, e para cá se dirigem.

CENA III

Firmino, Dona Clara, Cândida e Gustavo

Dona Clara — Como vimos luz no seu quarto, para cá nos dirigimos. Então, doutor, ainda se estuda a estas horas?

Firmino — A noite está belíssima, e vosmecês vieram muito cedo. Então, Candinha, belas modas, bons refrescos, boa música, boa companhia... E muito cansaço, naturalmente.

Cândida — Estou que não posso. Sete valsas e dez contradanças! A última e o galope geral mataram-me. O doutor Leiria valsa divinamente; foi meu par efetivo, e hoje ninguém nos levou a palma.

Gustavo — E eu então que figura fiz no baile? Porventura aonde estou eu alguém põe pé adiante? Fora, senhora pachola.

Dona Clara — Cala-te, Gustavo, já começa.

Gustavo — Eu estou calado desde que entrei, mas não posso aturar gabolices, nem ouvir a senhora pacholar, tendo dançado com me um gafanhoto engravatado.

Dona Clara — Cala-te, já te disse. Cândida, é preciso moderar isso, porque nesta terra basta um moço dançar três vezes com uma menina para já se improvisar um romance, ou casamento. E se acaso for uma noite tomar chá em casa dos pais... Os mosquitos se transformam em elefantes, e surgem cenas aí mui desagradáveis. As meninas de hoje, quando vão aos bailes, não fazem reflexões. Estas danças de agora são terríveis. No meu tempo havia o minuete da corte, o afandangado, a gavota, mas hoje...

Firmino — Debaixo da zona tórrida valsa-se como lá na Alemanha ou na Rússia, e finalmente veio a galopada, que mais parece uma bacanal do que um deleite para o corpo.

Cândida — A dona Leonor diz que dá um ano de vida por uma noite de baile. É uma senhora de muito vivo espírito.

Gustavo — Apoiadíssimo.

Dona Clara — Essa é como boneca de cabeleireiro, que se enfeita numa hora para andar à roda o resto do dia.

Firmino — Bravíssimo, minha tia. É das tais que têm a cabeça de pião e trazem corrúpio no juízo.

Gustavo — Não apoiado, retire a expressão.

Cândida — Ande lá, senhor doutor, que vosmecê também é tão bom como os outros: à vista, muitas amabilidades, e na ausência, sátiras a centos. (Senta-se)

Dona Clara — Firmino não é como Jerônimo e os outros.

Cândida — Aquele monstro, que durante a cantoria de D. Ana levou a coçar as orelhas e a dizer, em voz inteligível, "maçada, maçada" e logo que ela saiu do piano, foi ao seu encontro ao meio da sala, batendo palmas e rendendo-lhe mil finezas.

Dona Clara — Sirva-te isso de lição, porque estes bonecos da moda calçam todos pela mesma forma.

Gustavo — Não há homem mais desgraçado no universo do que eu.

Dona Clara — Não eras tu desgraçado há pouco.

Gustavo — Se soubesse o que se fazia no outro mundo, matava-me agora mesmo. Agora é que eu dou todo o peso àquelas terríveis palavras...

Firmino — Pelo que vejo, o motivo é gravíssimo.

Gustavo (Chorando) — O mais grave que há no universo inteiro. (Atira com o chapéu de pasta no chão) Assim pudesse eu vingar-me.

Dona Clara — Claro está que o não ganhaste com o teu suor.

Gustavo — Minha mãe, vosmecê não sabe os motivos secretos que tenho para conspirar-me contra o universo inteiro, e até contra mim mesmo. Mas eu já jurei, e quando juro... Antes quebrar que torcer, como diz o primo.

Dona Clara — Mas o ano passado juraste de estudar, e nada de novo, segundo penso.

Gustavo — Isto agora é matéria séria, coisa muito grave, não são bagatelas de livros. Veja, meu primo, se eu tenho razão do conspirar-me contra o universo e contra mim mesmo. Estava assim, (Figura a sua posição em uma contradança francesa) não sei se me entende, com o meu par à direita... Vem cá, Candinha, para eu melhor figurar a posição. Vem cá, não me desesperes.

Cândida — Pois o primo não sabe o que é uma contradança?

Gustavo — Este é dos que foram à Europa e veio pior do que foi. Não sei o que lá foi fazer. Nem já dança o ril, anda à jarreta como um ginja.

Dona Clara — Logo que um moço sério se afasta aí do biquinho virado, da correntinha ou outra qualquer coisinha, já é uma jarreta e entra na classe dos inválidos.

Gustavo — Os moços que se casam com os livros dão baixa no livro mestre do bom-tom. Ficam estúpidos e ignorantes das delícias da bela sociedade. Se o primo soubesse o que era uma contradança, mandava toda esta tarecada de livros e instrumentos para a casa do belchior e não perdia um só baile.

Firmino — Tendes toda a razão. A folhinha das bagatelas não me serve de calendário. Já dancei em outros tempos, e ainda dançarei quando houver falta de gente, porém hoje subiu-me o talento das pernas para a cabeça, e cuido em vez de saltinhar.

Dona Clara — Firmino, não te ocupes com esse tolo, que não sabe o que diz. Ora, teu tio está tardando. Quando vamos em duas seges é sempre isto, e fica-me com a chave de cima.

Firmino — Enquanto ele não vem, ouçamos meu primo.

Gustavo — Muito bem. Vem cá, Candinha.

Cândida — Deixa-me, que estou morta com um calo.

Gustavo — Sapatos pequenos não fazem o pé pequeno. Se fosse o... O... Saltava como um tico-tico.

Dona Clara — Já começa com os teus despropósitos?

Gustavo — Pois sem ele, eu já lhes mostro. Afastem-se. (Põe-se em atitude de dança) En avant seul, grita o mestre-sala. O Belmiro rompe o passo, (Canta) “volta à esquerda, volta à direita... um, dois, três...” assim com um encadeamento de tercinas batidas; “balancê — volta; aos seus lugares”. Eu, que queria metê-lo no chinelo, principio o meu solo por um encadeamento de quartas batidas para todos os lados, e eis que, pirueteando para com graça dar a mão ao meu par, cai-me o sapato e rebentam-se os suspensórios. Ah, todo o fogo do inferno subiu-me à cabeça; moças, cadeiras, vasos, sofás, tudo se transformou em vagalumes... Tremeram-me tanto as pernas que de repente fiquei petrificado, fiquei imóvel, imóvel... Como... Imóvel como um macaco pintado. (Gargalhada geral) Não se riam da minha dor, nem me desesperem.

Dona Clara — A comparação que procuraste é que faz rir.

Gustavo — Pois então não falemos mais nela. Primo, a coragem é das almas nobres! Continuo a dançar, sem o sapato, bem entendido, pois que o galope geral o enviou para o palácio de algum rato. Felizmente a meia era nova, não tinha dias-santos, e na confusão geral safei-me, apesar de estar “enganjado” com D. Zoé do Beco dos Aflitos, e...

Dona Clara — Mas eu te vi até nos virmos embora! E como estás tu calçado?

Gustavo — Esta minha cachola, esta minha cabeça é um tesouro que não troco por nada deste mundo. Não há dia em que eu não fique admirado, embasbacado das lembranças que eu mesmo tenho!... Idéia de mestre: chego à porta, grito pela sege, grito segunda vez, grito terceira, nem pajem nem boleeiro... Desesperado, tiro a meia de seda, corro à porta de um sapateiro, de dois, e ninguém me quer vender um sapato, pagando eu o valor do par todo; respondem-me que não vendiam um sapato.

Firmino — E por que não lhe comprava o par, se lhes dava por um o preço de dois?

Gustavo — Porque não queria perder o que estava no pé. (Risadas) Mas achei um homem de bem. Entro-lhe na tenda, explico-lhe naquela hora a minha desventura, e quando procuro a meia na algibeira... Achei-me mamado! (Risadas) Não se riam de um caso tão sério... Compro-lhe as meias da mulher, e para isso empenhei o meu botão de brilhantes.

Dona Clara — Doido! E tu conheces esse homem?

Gustavo — Homem que trabalha àquelas horas é homem de bem. Volto ao baile, e dona Zoé diz-me mui secamente: “Um cavalheiro que abandona a sua dama, e a priva de dançar, não é homem de bom-tom.” (Gargalhadas) Não se riam da minha dor. O meu plano está feito: hei de amarrar doravante os sapatos com fio sutilíssimo

de seda e pôr suspensórios elásticos, para me não expor a outro escândalo, antes que vá para a Europa gozar das delícias lá de Paris.

Dona Clara — Para a Europa! Como? Quando? E que vais fazer?!

Gustavo — O que vou fazer?! Ser diplomata.

Dona Clara — Pois que estudos tens tu para isso?

Gustavo — Tenho tudo o que é preciso: um bom empenho, sei dançar, trajo à moda e arranho o meu francês.

Firmino — Ótimo predicamento para o começo, mas falta-lhe o principal.

Gustavo — O mais eu aprenderei com a prática e com o tempo.

Firmino — São dois grandes mestres, é verdade, mas um bom diplomata de ar profético e olhar misterioso tem muito que estudar.

Dona Clara — E quem é teu padrinho?

Gustavo — O deputado Gregório, que inda ontem me disse que não dava o seu voto no orçamento dos estrangeiros se eu não fosse despachado agora para Paris. A única condição que ele me impõe é que eu não falhe um só pacote de lhe mandar os figurinos das últimas modas.

Dona Clara — Mas esse bonequinho de modas nunca fala!... Não te fies em cupidos velhos, porque Gregório é...

Firmino — É um Cícero num parlamento de mudos. Excelente, excelente: dá o seu voto, não fala, não rouba tempo, deixa trabalhar e evita dizer asneiras em público.

Gustavo — Fala-se agora de reformas, de mudanças, e como tenho o meu padrinho, vou batizar-me.

Firmino — Na pia do tesouro nacional, e abrir assentamento na folha dos ordenados.

Gustavo — Ailurui! Se eu soubesse bem francês, ia de secretário, ou talvez subisse mais um furo. Quando o empenho é bom, tudo são asas...

Dona Clara — Estes rapazes de hoje, mal sabem ler, já se cuidam aptos para todos os altos empregos. Logo que um ministro severo os manda bugiar, ei-los engrossando as fileiras dos agitadores...

Firmino — Ou vão escrever folhas incendiárias. Substituem o raciocínio pela declamação, os argumentos por libelos e erguem o pelourinho da infâmia, aonde o sacrário das famílias é despedaçado e a honra do cidadão espicaçada a golpes de calúnia; e no publicar de suas orgias zombam de tudo... Mas o nosso Gustavo está livre disso, porque ele aborrece escrever.

Gustavo — Para dizer nuas e cruas, não é preciso ir a Coimbra.

Dona Clara — Valha-me Deus com teu tio. Ficou amarrado em alguma premissa de voltarete, e nos faz esperar aqui. Ainda é bom o termos tido esta comédia.

Gustavo — Ah, se me pilho com uma fardinha bordada, e se danço uma contradança em Paris... Posso morrer, porque vou direitinho para o céu. O meio de me conservar por lá é que é um pouco difícil, segundo ouço dizer; mas enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.

Firmino — Não há nada mais fácil do que isso. Com uma pequena esperteza por lá se fica muitos anos, e até se adquire nome de literato. Pode-se chegar à fama de uma notabilidade e, no meio de tudo, de todos os prazeres, até enriquecer.

Gustavo — Que está dizendo, meu primo!

Dona Clara — Ora, desejava ver isso em pratos limpos. E teu tio ainda não chega.

Firmino — Pois eu a satisfação em duas palavras. Grudado o homem a um dos alcatruzes da nora parlamentar, fazendo parte da cauda elástica e vacilante dos candidatos perpétuos dos seis escabelos, constituído um realejo de amizades, uma máquina de entusiasmo, um mourão do andaime, uma trolha para todos os emboços, um verdadeiro sino pronto a repicar e dobrar a todas as vitórias e revezes,

o caminho da prosperidade aplanar-se, é a vida um jardim de flores. Quantos cepos de carneiro, à força de serem lavados em águas turvas, de mau pau que eram, se transformaram em ouro puríssimo, que é o do quilate milionário!

Dona Clara — Para um simples adido não precisa de uma cartilha tão longa.

Firmino — É verdade que abrangiu as alturas da questão, mas foi porque tenho sempre em vista que o romano que toma prima tonsura está na estrada da púrpura, e pode intentar um santo assalto à majestade da tiara.

Gustavo — Para minha mãe tudo são dúvidas. Gosto desta gente que vê tudo em ponto pequeno. Eu cá não tenho medo de nada. Acabe, acabe meu primo, com esse seu belo discurso, e reduza-me tudo isso a cobres miúdos. Diga-me como pode esta pessoinha (Apontando para si) chegar a ser rico, e passar por um literato de muita ronha. Gosto desta palavra, “ronha”: é sonora, brilhante e respeitável... Vamos, simplifique-nos tudo isso.

Firmino — Quem sabe se isto cansa a minha tia?

Dona Clara — Pelo contrário, é uma fortuna. Teu tio nos prendeu aqui e tem consigo as chaves dos nossos quartos. Continua, que nos dá prazer.

Firmino — Um meio simples e que quase sempre é coroado pela vitória nos países novos como este nosso, é escrever de lá a todas as influências, quer conhecidas quer desconhecidas. Cartas com um ar inspiratório, e nelas uns ressaibos de altas relações; um trecho, traduzido dos jornais, sobre a política do dia, e uma espécie de denúncia de idéias latentes da futura marcha dos negócios, segundo a interpretação dos mesmos jornais, mas dando tudo como coisa ouvida nas salas do parlamento.

Dona Clara — Isso está muito escuro para Gustavo.

Gustavo — Está claro como a luz do dia; continue.

Firmino — Duas regrinhas acompanhadas de um folheto político, científico ou literário, dizendo que leu aquela obra e que não dá o seu parecer por submetê-la ao sagaz critério de Sua Excelência, cujos talentos, já conhecidos na Europa, lhe auguram um reto juízo. A outros mandam-se-lhes belas edições destes livros modernos que os pintores e gravadores escrevem e que são ilustrados por penas espirituosas, e recheados de arabescos e vinhetas, com soberba encadernação, com o que muito se decide do mérito da obra; e se lhes endereçam, rogando-lhes que aceitem semelhante lembrança como amadores das belas-artes e das letras. Sempre Excelência, e sempre com épico respeito; e quando se dirija a pessoa influente e sem instrução, deve vir a carta com letra pintada, em papel velino de primeira sorte, e abarrotada de palavras campanudas. Um bom calígrafo vence às vezes mais que um pensador. Nunca se devem desprezar, e deixar de empregar dez ou vinte vezes, os termos de protocolos, gabinetes, conferências, planos secretos de tais cortes, com o nome estrangeiro do palácio real; falar em santa aliança, propagandas, missões secretas, credenciais, notas reversivas, recredenciais, muito do Oriente, seitas, partidos, facções, asseclas do despotismo, sombra da inquisição, clubes, verdades do século, locomoções, reações de idealistas e muita economia política, que é a ciência da moda.

Dona Clara — Isso é uma trovoada para Gustavo.

Gustavo — É um céu sereno; quero aprender tudo de cor.

Firmino — Ainda há mais um furo secreto, que é a compra de algum manuscrito, e dá-lo como seu. Bacon, que era mestre em letras e tretas, aconselha o plágio como caminho curto para o céu da glória contemporânea e, por consequência, breve para o inferno da posteridade.

Gustavo — Que me importa bem o que acontecerá depois da minha morte? Tenha eu prazer, role em belas carruagens. Cara de defunto não tem nojo de escarros.

Dona Clara — Ótimo pensar! E ele não é só. De que te serve toda esta turbulência, este desejo, se tu nunca poderás arranjar essa patacoada com a habilidade de um nobre charlatão?

Firmino — Nem tudo o que luz é ouro. Em tempos nublados, os areais confundem-se ao longe com as campinas.

Gustavo — Bravíssimo, meu primo; escreva-me tudo isso num papel, para eu estudar na viagem. Em paga, vou cabalar para o senhor.

Firmino — Muito obrigado. A minha carreira está feita; tenho nobres ambições, é verdade, mas para ser útil à minha pátria não preciso das cabalas.

Gustavo — Olhe que, com os meus, somos capazes de passar três mil listas em uma noite. Não brinque com o segredinho.

Firmino — Não quero louros por semelhantes assaltos. Adoro o sol, nasci com natureza de pássaro. Os canais subterrâneos são contrários à minha natureza.

Gustavo — Pois a vosmecê nunca há de ser nada.

Dona Clara — Pois tu também te envolves nestas coisas?

Firmino — Estes seguram na rede e sujam-se; os outros recolhem o peixe e engordam. A pérola nunca orna o colo do mergulhador, nem o diamante o dedo do mineiro. Meu primo, veja se em prêmio de seus serviços obtém um lugarzinho de adido, e, se algum dia for alguma coisa mais, trate de arranjar-se. Maré perdida, viagem atrasada.

Gustavo — Amanhã há de me dar uma nota dos livros onde se aprende tudo isso, e, se os têm aqui, emprestemos já.

Firmino — O livro de observação anda com o homem. É um patuá que engrossa com o tempo e que se compra muito caro.

Gustavo — Não entendo bem.

Dona Clara — Estuda, estuda, é o que diz teu primo.

Gustavo — Nunca vi anunciar nos jornais obras sobre a ronha, se não tinha-as lido dia e noite. Ronha... Oh! Se me chamassem ronha, que prazer! Ronha... Que felicidade!

Firmino — Também serve, e serve de muito. Casada com a ambição, ensina a pedir uma demissão a tempo, com estrondo ou sem ele; ensina a quebrar para grudar com visgo mais forte; a encolher-se para dar o bote. Mas, para alcançá-la no último grau é necessário, além das disposições naturais, viver com a ampuheta do egoísmo na mão e saber enfiar-se por todos os orifícios da fieira de satanás.

Gustavo — Essa sua teoria está muito misteriosa.

Dona Clara — Graças a Deus que chegou teu tio.

CENA IV

Antônio, Firmino, Gustavo, Dona Clara, Cândida e Angélica

Gustavo — Boas-noites, meus senhores e senhoras, até amanhã.

Antônio — Aonde vais com tanta fúria?

Gustavo — Vou pensar, vou estudar; tenho muito que pensar agora. (Vai-se)

Antônio — Chegaria alguma nova moda?... Ainda por aqui?

Dona Clara — Estava à sua espera para me dar a chave. Angélica, por que não vais dormir, minha filha? Tu não és obrigada a esperar por teu pai.

Angélica — Estou muito melhor, estou quase boa.

Antônio — Doutor, é vossa obra esta cura maravilhosa. Depois que temos seguido as vossas observações, ela vai muito bem. (Para Angélica) Então, segundo o teu prognóstico, terás de ir cedo a alguma função ver as tuas amigas.

Cândida — Todas elas me perguntaram hoje pela saúde de Angélica.

Angélica — Agradeço. Se esses bailes estrondosos se acabassem, não me deixavam saudades!... Irei por acompanhar meus pais.

Antônio — Eu também, se os freqüento, é para evitar a boca do mundo, porque não faltarão epítetos para lhe coroarem a maledicência. Se escapo do partido dissipador, caio no partido sovina: ambos eles murmuram com igual razão... Mas, como as letras pagam-se à risca, os navios são velozes, a carga vendida e a prosperidade me acompanha, tudo vai bem.

Firmino — E este vosso século, que não indaga meios e só saúda a prosperidade...

Antônio — Já que a noite está perdida, tenho que vos dizer duas palavras, meu sobrinho. Senhora, aqui está a sua chave.

Todos — Boas-noites.

CENA V

Antônio e Firmino

Antônio — Sentai-vos, quero ser lacônico. Sabeis que Angélica está contratada com o meu guarda-livros Arnaud. Consinto nesta aliança, porque este rapaz é um estrangeiro sem pai e quase sem pátria. Sabeis a sua história.

Firmino — Sim senhor.

Antônio — Sabeis que tenho outra filha e que desejo empregá-la o mais cedo possível. Ela já me tem sido solicitada muitas vezes, mas os pretendentes não me agradam. Desejo aumentar a minha família, mas não quero genros às minhas sopas. Firmino, sois um rapaz completo; amo-vos como meu filho e queria trocar o nome de sobrinho por este que me é mais caro, completando destarte um laço que será o mais grato para o resto da minha vida. Desejo que entreis na grande família para preencher a mais sublime missão do homem: o ser pai e cidadão honesto.

Firmino — Meu caro tio, os vossos desejos são ordens sagradas para mim, porque, depois de Deus, eu não conheço outro ente acima de vós. Mas se a vossa bondade, depois de tanta grandeza e de tanta generosidade, me permitisse uma pequena reflexão...

Antônio — O amor que vos consagro não permite que eu vos violente na mais pequena coisa. Se outra simpatia, se algum empenho antigo vos força a recusar a minha oferta, aceito a vossa escusa com o mesmo amor e com a mesma sinceridade de todo o passado.

Firmino — Nem uma nem outra coisa, senhor. O meu coração, até hoje, não tem tido outra paixão senão a do estudo. Os delírios da meditação, os encantos da natureza e a minha gratidão para convosco são as harmonias de minha alma. Mas há um contrato sagrado assinado por uma mão oculta, entre mim e a pátria, que me obriga a declarar-vos, por ora, uma repugnância total ao estado de casado. A parcela de liberdade sacrificada perante o altar no momento do consórcio é tão grande que ela me impediria a execução de um dever de cidadão, a missão de um filósofo e o complemento de um sonho de glória.

Antônio — Respeito todos os vossos desejos cada vez mais, porém todos os vossos votos serão realizados de uma maneira mais suave logo que na vossa vida não apareça a necessidade do pão. Os sonhos de um literato, quando são entrecortados pelas precisões...

Firmino — E vós, senhor, não me destes uma profissão tão nobre?

Antônio — Sim... Enfim, pela parte da discussão serei sempre vencido, porque tendes talentos brilhantes, mas este meu negocio é de coração, e o coração somente me pede que vos rogue para que sejais meu filho. Seria pior que a morte o ver-vos ausente de minha casa. Não descerei contente à sepultura se a vossa mão não me fechar as pálpebras. Quero conservar comigo o retrato de meu caro irmão física e moralmente, daquele irmão cujos talentos e virtudes fazem o meu orgulho, e que tu... (Soluça)

Firmino — Por piedade, senhor... Por piedade, consolai-vos, (Levanta-se) enxugai esse pranto. Eu dou por uma lágrima vossa tudo o que tenho de mais caro, porque tudo vos devo. A minha vida, a minha liberdade, estão sujeitas à vossa vontade. Pronunciai, senhor, pronunciai o meu destino, que a tudo me submeto.

Antônio — Inda não é isso que eu desejo. Já triunfei do teu coração, mas quero de tua boca uma palavra que derrame o bálsamo sagrado e que cicatrize a chaga do meu coração.

Firmino — E que mais quereis, meu tio?

Antônio — Oh! Não me chames assim...

Firmino — Meu pai... (Antônio o abraça e chora)

Antônio — Chama-me pai, chama-me pai sempre, que não há nada mais sonoro aos meus ouvidos, que não há nada mais grato ao meu coração. Sim, eu sou teu pai...

Firmino — Meu caro pai... (Ouve-se um grande ruído dentro e uma voz que imita tambores e trombetas)

Adolfo (Dentro) — Levantem-se, mandriões, que ainda é cedo para se deitarem. Mandem-me fazer café, que venho cansado; quero água, quero uma cama e, depois, arranjem-se como quiserem.

Antônio — Esta voz é a do mano Adolfo... (Limpa as lágrimas)

Firmino — É ele que chegou da fazenda...

Antônio — Mano Adolfo, venha para cá e deixe sua mana dormir. Venha para cá...

Adolfo (Dentro) — Espere lá, que já acordei tudo, e tudo lá vai comigo.

Firmino — Sempre jovial, sempre contente.

Antônio — É o temperamento mais feliz que se pode desejar.

CENA VI

Antônio, Firmino, Adolfo, Dona Clara e Angélica

Adolfo — Ora vivam, meus senhores. O que é isto? Vais ou vens de algum baile, porque te vejo em trajes de requife...

Antônio — Vim, e estava conversando com o nosso Firmino.

Adolfo — Com o doutor Firmino, meu irmão. Ora toque, senhor doutor. (Firmino beija-lhe a mão) Então, como lhe vai de saúde e de interesses?

Firmino — De ambas as coisas, otimamente.

Dona Clara — Seu mano, em pegando do gamão ou de uma conversinha, fica eternamente amarrado...

Antônio — Todos lá por casa estão (bem) de saúde?

Adolfo — Todos, exceto eu, que estou moído como tinta de pintor. O macho ganhou novas manhas, e não volto mais nele.

Antônio — Então, o que vos trouxe à corte? Inda que mal pergunto.

Adolfo — Venho fugindo das eleições. Se não tomo este expediente, fico mal com Deus e tenho o diabo por inimigo. São tantos os pretendentes, que era necessário uma câmara do tamanho do Campo de Santana para acomodar tanta gente. Todos alegam mil razões

de arromba, planos capazes de confundir um Montesquieu. Fora as que deixei na fazenda, já recebi estas no caminho. (Mostra um maço de cartas em cada mão)

Antônio — Apre lá! A atividade é grande desta feita.

Adolfo — Não se fala em outra coisa! E andam os homens tão desconfiados uns com os outros que já desapareceu aquela antiga urbanidade, aquela expansão franca do outro tempo. Tem-me dado na mania fingir-me maluco, para escapar desta praga interminável de chapas e cabalas.

Firmino — O futuro de nossa pátria depende de uma boa lei de eleições e mais nada. Destruída a estrada que dá ingresso à mediocridade, no panteão augusto só penetrarão os homens de probidade, de saber e, sobretudo, independentes.

Antônio — Mano Adolfo, eu quero que antes de dormir sejas sabedor da nova mais grata que pode haver para o meu coração: Firmino casa com a minha Cândida.

Todos (Exceto Angélica) — Isso era de esperar...

Dona Clara — Um abraço, meu filho... (Abraçam-se)

Adolfo — Venha também, que muito estimo...

Antônio — Angélica, abraça teu novo irmão...

(Angélica chega-se a ele e quer abraçá-lo, mas desmaia)

Dona Clara — O que é isto?

Antônio — Alegria... Os extremos tocam-se.

Adolfo — Viva Santo Antônio! (Atira com as cartas e chapas pelo ar e pelo tablado fora)

Fim do primeiro ato

SEGUNDO ATO

Sala com trastes ricos dando ingresso a um salão nobre, que deixa ver pela abertura das janelas o morro do Castelo.

Angélica sentada à direita, a bordar uns suspensórios, e Gustavo do lado oposto, defronte de um espelho, a escovar suas botas.

Uma mucamba sentada no chão, a coser.

CENA I

Angélica e Gustavo

Angélica — Uma silva de amores-perfeitos, rematada por uma saudade em cada ponta, fará um lindo efeito. O outro par, hei de bordá-lo com rosas; o aroma desta flor exprime tudo o que há de mais suave e de mais grato em nossa alma. Estes explicam-se pelo seu próprio nome. (Suspira) Parece-me um sonho o acontecimento de ontem à noite!... Todos... Todos inocentes, e eu só criminosa, e criminosa para comigo mesma! O coração das mulheres ainda não foi aprofundado pelos homens; esta mistura de fraqueza e de força, esta tendência que nós temos todas a felicitar os entes que nos rodeiam... Este heroísmo que se assenta entre a brandura e a constância... Que...

Gustavo (Defronte do espelho) — Digam lá o que quiserem os senhores jarretas; um homem de barbas naturais é sempre mais nobre e mais grave. Que mania, querer meu pai que eu ande fora da moda, como se eu fosse algum traste de belchior! Hei de mandar fazer umas barbas postiças, para ver como me assentam. Este diabo de primo que, por mais que procure, não acho um pé para ficar mal com ele, é a causa de tudo isto. Foi à França para entrar em casa de livreiros e cortar

defuntos, e voltou para nos entulhar a casa de alfarrábios... É o maior protetor da traça e do bicho que eu conheço. Tais sujeitos morriam de fome no meu quarto...

Angélica — No que se ocupa aquela alma de manhã até a noite! Se ao menos ele conciliasse com uma hora de estudo todas as suas parvoíces...

Gustavo — Estes estrangeiros têm lembranças admiráveis! Pintarem um gato brigando com uma bota, ou um homem a fazer a barba diante de um botim! Eu acho nisto uma graça, um não-sei quê... Enfim, o doutor Sandelico é que diz bem: em tudo há poesia nos estrangeiros. A transparência no sabão, a ponta virada das escovinhas, as pinturas das pomadas, o arredondado das casacas modernas, o nome das cores... Ventre de bicha, cor de meteoro, azul Carolina, verde Zoé e amarelo tebetino. O pai dele, ao menos, deixa-lhe criar, cortar, mudar as barbas e os cabelos como quer. Aqui nesta casa nem um homem é senhor de suas barbas.

Angélica (Para a mucamba) — Vai buscar os diários, que meu tio não tarda a chegar. ([Para Gustavo]) O vosso amigo Sandelico parece-me que está isento de produzir uma Eneida ou uma Ilíada. Creio mesmo que não inventará o telescópio.

Gustavo — É porque não quer, é porque não precisa trabalhar, e faz ele muito bem. Isso é bom para quem é pobre. Angélica, vai lá dentro do meu quarto buscar-me um pouco de kirsch, que não posso acabar bem estas botas. Está em cima de minha psichê, ao pé daqueles dois potes de óleo de urso dos Pirineus.

Angélica — Será isso alguma nova composição para lustrar?

Gustavo — Nada! É um licor novo, chegado agora da Alemanha, que, tomado em jejum, depois de fumado um charuto de Havana, deixa um gostinho mui particular na boca. É coisa delirante.

Angélica — Ora, mano, para que corromper a saúde com bebidas espirituosas e cigarrar tanto? A vossa roupa, todo o vosso quarto, parecem de sarro de fumo. Parece que habitais dentro de um cachimbo de cozinheira. Toda esta mocidade que vos cerca toma hoje uns ares que certamente não prometem um futuro lisonjeiro para o país.

Gustavo — Estás muito retórica, estás uma doutora... Serão isso lições do meu belo doutor, que se devia chamar frei Firmino. É moléstia que pega com facilidade, esta de sermões de lágrimas. Podiam ambos ir para a catequese dos botocudos. Pregas num deserto, minha amiga; já estou petrificado para ti e para os mais. Vai buscar o kirsch... E tomaras tu um fumista: havias de te lambar como macaco por banana.

Angélica — Não vou. Se a sorte me der um esposo fumista, fica certo que ele possui alguma qualidade nobre e que é um homem superior a ti, cuja glória se funda no ócio e no charuto.

Gustavo (Com raiva) — Tomara já ver-me livre desta casa, onde ninguém me obedece, sendo eu o filho mais velho... Depois me vingarei.

Angélica — O que estás dizendo, mano? Perdoa-me se te ofendi.

Gustavo (Com raiva) — O dia em que eu deixar esta terra não me verá uma lágrima. Tudo me persegue. Até não tenho quem saiba lustrar umas botas!! Assim como mando vir o meu fato de Inglaterra, também hei de mandar vir um criado inglês para me servir. Tenho duas irmãs que não sabem dobrar uma gravata... E querem casar! Com quem? Só se for com algum carne-seca. Se algum dia fizer essa asneira, não quero mulher retórica, que saiba línguas estrangeiras, leia livros e garganteie como um castrado da capela.

Angélica — Está bom, meu irmão... Para que tanta algazarra?

Gustavo — Vocês ainda me hão de perder. (Atira com as botas e vai-se. Angélica as vai apanhar).

CENA II

Angélica, Dona Clara, Firmino e Adolfo

Dona Clara — Não precisa muito para se saber se Gustavo está em casa. É como o mar, nunca está calado.

Angélica — A menor observação o põe como um rojão: sobe às estrelas e estoura uma descarga de destampatórios.

Dona Clara — Parece que há instintos no homem que o fazem pender para as más inclinações, e que a educação se esforça em vão para modificar. Este rapaz tem-me feito criar cabelos brancos. Teu tio já não pode com ele. Mandou-o para a Índia, e nada obteve.

Firmino — Decerto que nada. A culpa não é dele, nem sua, minha tia. A culpa existe na organização social que até hoje tem olhado levemente para a educação da mocidade. Façam-se leis para um povo, e não se espere um povo para essas leis. Se alguns pais quisessem lançar mão de um meio enérgico para corrigir seus filhos, não faltariam filantropos de encomenda que tomassem a defesa da oprimida mocidade e levantassem uma barreira de palavrões campanudos para protegerem essa diminuta parcela que rodeia Gustavo e que se intitula hoje a esperança da pátria, como se os destinos do futuro fossem dirigidos pelos alfaiates e cabeleireiros. Talvez ele queira seguir a carreira das armas, e que a disciplina militar o corrija de todo. É uma carreira tão nobre e tão prezada em todos os tempos!

Dona Clara — Qual, meu sobrinho! O seu amor por pistolas, espadas e bacamartes é uma mania de moda. Gustavo seria ruim militar; não tem coragem e padece muito dos nervos. A luta dele com teu tio para trazer bigodes é porque é moda.

Adolfo — Esta terra está muito mudada. Estes quatro anos têm sido de grande progresso; creio que arribou uma colônia de orangotangos, porque nunca vi tanto bicho de casaca como hoje. Cada pedaço de barbadinho que encontrei, que metia medo. Outros com cabeleiras de madalenas, outros de casacas arredondadas como cauda de ponche; umas bengalas de castão de vice-rei e um charuto maior que um tubo de barca a vapor. Esta moda é de cá da terra?

Dona Clara — Nada, meu irmão, esta praga veio-nos não sei donde, e Gustavo vive muito apaixonado por lhe não consentirmos cauda no queixo, gravata encarnada e gadelha de Madalena.

Firmino — A mocidade da Europa anda quase toda assim, principalmente nas universidades da Alemanha e França. As barbas representam a seita romântica e marcam a separação do mundo clássico. São dois exércitos que representam dois séculos: um, acampado nas ruínas da antiga Grécia e adorando os seus deuses, o outro perlustrando os campos da natureza. Ainda tenho saudades da luta. Grandes revelações, grandes idéias, dois partidos combatendo nobremente e produzindo monumentos de glória. Quem dera que as barbas aqui representassem o mesmo papel! Amanhã deixava crescer as minhas.

Dona Clara — Se assim fosse, declarava-me perfume das barbas idealistas e tesoura das materiais.

Angélica — Eu acho um não-sei-que de grave, uma nobreza natural, acho uma perfeita harmonia na divisão que a natureza fez do homem e da mulher. Há um caráter nobre e que faz reviver esses tempos heróicos do cavalheirismo, em que os homens preferiam a morte à fuga, a sepultura ao desdouro... Mas esses tempos só se acham hoje nas velhas crônicas, nos pincéis do Ariosto, do Tasso e de Walter Scott.

Adolfo — Bravo! Como se esquentava a menina, como se exalta, como ficou com os olhos que pareciam dois sóis! Ora vamos a entrar nos tempos de Palmeirim e

veremos Tancredo, Orlando, Roldão e Oliveiros, de loja ou a plantar café... Aonde está o Jornal do Commercio?

Angélica — Aqui estão todos. (Oferece-lhe um grande maço de jornais).

Adolfo — Guarde para lá tudo isso, que não quero ficar doido, e nem andar suspeito com os meus velhos amigos, que sempre conheci por homens honrados.

Firmino — Pois a mim essa leitura me rouba bastante tempo. Todos eles têm mais ou menos razão, e alguns escrevem, além de [com] decência, com muita arte e sagacidade. Artigos tenho lido que invejariam os mais acreditados jornais da Europa.

Adolfo — Pois eu, meu sobrinho, vivo mais tranqüilo depois que deixei de os ler, porque nunca soube quem ateava o incêndio e quem tocava a bomba para o apagar. Que há briga por amor da escada, isso é certo, porque vejo todos quererem subir. Ora vamos a ler o Palmeirim do café e do açúcar.

Firmino — E eu vou preparar-me para uma operação e tomar algumas notas.

Dona Clara — Fique lendo em paz o seu Palmeirim. Vamos.

CENA III

Adolfo

Adolfo — Ora vamos a isto. Tenho achado os homens muito corteses aqui dentro; figurões dando já o braço a certa gente... E gente que eu nunca vi nem conheci cumprimentar-me com uma urbanidade e submissão extraordinárias. Se são pretendentes, estão bem aviados. (Senta-se) Câmbios... Vai mal. Parte oficial... Ministério... Interior, Rio de Janeiro... Câmara dos senhores deputados... Meu Deus, que longos discursos, que torrente de declamações! Seria melhor que este senhor que aqui faz a sua biografia a mandasse publicar em algum jornal literário. Este nega pão e água ao governo e ainda não nos fez a descoberta de se administrar um país sem governo e sem meios. Cá estão dois oradores de mão-cheia, concisos, nervosos e este até eloqüente. São dos meus, preferem os interesses de seis milhões de homens ao interesse individual. Isto é para saborear depois da leitura geral. Meu Deus quantas chapas! Tudo gente nova, exceto este marreco que há três meses vem sempre em todas. Cheira-me isto a especulação de finório. Reina agora uma urbanidade que encanta deveras. As classes estão confundidas: vejo figurões feito plebeus, plebeus feito figurões, influências com nulidades, nulidades com influência, turbulentos com pacatos e um nevoeiro de morcegos furta-cores esvoaçando pelas ruas, contradançando às cortesias pelas tendas e tabernas. Sociedades instaladas e até ateus de patente com uma religião e carolismo iguais aos de um trapista. Vamos a ler. Praça... O mercado está muito frouxo... (Batem palmas) Quem é que está aí?

Mirabeau (Dentro) — Um criado de Vossa Senhoria. Dá licença, meu senhor?

Adolfo — Pode entrar, esta casa é sua.

CENA IV

Adolfo e Mirabeau

Mirabeau — Vossa Senhoria é o ilustríssimo senhor Adolfo José da Silva? Vossa Senhoria há de perdoar-me este incômodo, mas a pátria requer um grande sacrifício... O país está à borda de um precipício, e Vossa Senhoria o pode salvar com o seu acrisolado patriotismo, influenciando para que se coloquem no timão do Estado homens cujos talentos e virtudes são conhecidos e cuja pureza de senti-

mentos auguram o mais brilhante futuro para esta pátria, esta nossa pátria que eu adoro mais que à própria vida.

Adolfo (À parte) — Apre com o recado estudado. E como me sabe o nome?! Tem faro!

Mirabeau — Salve, senhor Adolfo, salve o nosso país...

Adolfo — Meu caro senhor, agradeço-lhe muito a opinião que faz de mim, mas eu nada posso fazer mais do que faço. Trabalho de manhã até a noite, não devo nada a ninguém, não brigo com ninguém e só aspiro a aumentar os meus bens por meio de um trabalho honesto. (À parte) Como diabo adivinharia ele que cheguei esta noite?! E eu que o não conheço...

Mirabeau — Assim deve obrar o cidadão honesto, mas está chegada a hora de Vossa Senhoria, com o seu voto, vir engrossar a opinião do país, que é toda do meu lado, e pretende fazer uma oposição imparcial e justa... Aqui tem esta lista... Digne-se a ler esses nomes, veja quantas ilustrações, quanto futuro encerram estes heróis... Estes firmes baluartes... Escreva, senhor Adolfo, empenhe-se com aquela gente de fora, e vamos salvar o país. Aqui estão estas cartas de um seu velho amigo e de seu mano.

Adolfo — Pois Vossa Senhoria é conhecido de meu irmão?

Mirabeau — Não, senhor, mas uma pessoa do meu lado, que se dá com outra pessoa mui digna e de grande influência, pediu a outra pessoa de sua amizade para que esta me obtivesse por interposta pessoa uma carta de seu honrado irmão, o senhor Antônio José da Silva.

Adolfo (À parte) — Que labirinto cabalatório, que jogo de caramboladas! (Lendo as cartas) Meu senhor, esta de meu irmão é válida, mas esta, já não me lembra do sujeito que me escreve.

Mirabeau — Um seu antigo amigo, que negociou muito noutro tempo com Vossa Senhoria, e depois foi síndico de certa ordem, morou no Beco dos Cachorros e agora está no dos Aflitos.

Adolfo — Ah, sim!... O Elesbão!... Pois ele também anda metido nesta bolandeira?! Devia passar para os veteranos e cuidar de emendar o passado.

Mirabeau — É um dos mais firmes atletas do nosso lado. À sua atividade se deve quase a certeza do triunfo... É um homem de raros talentos e digno de não ser atirado para um canto.

Adolfo — Pois meu senhor... Fique já certo [de] que farei tudo quanto estiver ao meu alcance, prevenindo-o, contudo, [de] que hei de tirar dois nomes desta lista, porque estou empenhado...

Mirabeau — Pelo amor de Deus, meu rico senhor, nem meio. Não destrua a unidade de pensamento nesta obra, que é o monumento político mais perfeito que tem que executar-se. Quantas reformas!... Que reformas!... Há de ser uma limpa geral.

Adolfo (Em tom sério) — Homem... Já estou cansado de reformas, e vejo que elas dão quase todas em droga.

Mirabeau — São reformas pessoais, meu amigo e senhor. Havemos de fazer uma limpa, isto é, algumas demissões, e Vossa Senhoria disponha do seu escravo... porque a gratidão...

Adolfo (À parte) — Apre com o tal planista. Meu rico senhor Mirabeau, é este bem o seu nome...

Mirabeau — Um seu humilde criado...

Adolfo — O senhor é estrangeiro, ou de origem estrangeira?

Mirabeau — Nem uma nem outra coisa, mas chamo-me Mirabeau.

Adolfo — Não tem nome de batismo?

Mirabeau — Não, senhor. A mesma impressão que Vossa Senhoria tem é geral, de maneira que me acho quase sempre obrigado a explicar-me, no que tenho particular satisfação, pois que falo em meu pai.

Adolfo — E o padre que o batizou não fez objeção?

Mirabeau — Nenhuma; era um sacerdote raro e amicíssimo de meu pai, ambos entusiastas de toda aquela gente, daqueles astros da liberdade. Meu pai, vendo em mim copiosas disposições para a oratória, deu-me o nome desse célebre orador quando me batizei, raspando a longa perlonga de sobrenomes de família, palhaçadas antigas e restos do caruncho da velha Europa. Dizia ele que um grande homem deve ter um nome só, por exemplo: Demóstenes, Bruto, Graco, Cícero, Catão...

Adolfo — Alexandre, Napoleão... E não esperar pela posteridade?

Mirabeau — Isso foram déspotas...

Adolfo — Então, pelo que vejo, Vossa Senhoria foi batizado já um pouco taludinho?

Mirabeau — Já sabia latim.

Adolfo — E como era então conhecido?

Mirabeau — Em casa por sinhozinho, e fora pelo nome de meu pai, que era um espírito forte, ermo de preconceitos, o protótipo dos pais. Se nos mandou batizar foi por condescendência com minha santa mãe e seus parentes, porque lá para si aquele grande homem repetia muitas vezes que era o maior dos despotismos forçar um filho a seguir uma religião que talvez não lhe conviesse, e podendo escolhê-la assim como escolhe uma profissão e terra para viver.

Adolfo — E o senhor é casado?

Mirabeau (Espantado) — Eu, senhor?!

Adolfo (À parte) — Espera pelo maometismo, ou é sansimoniano. (Para ele) O senhor seu pai devia ser eterno, era um homem singular.

Mirabeau — Em 1822 desprezaram os seus conselhos. Não teria hoje o país dado tantas cabeçadas, e havia de representar um papel único no mundo.

Adolfo — Decerto que cheiraria hoje bastante a rosas. (Com ironia) Pois simpatizei com o senhor! No começo estava assim, assim... mas agora estou decidido. Vamos a salvar a pátria, porque a vejo à borda do abismo.

Mirabeau — Dê-me um abraço. Achei um homem que me compreendesse, um verdadeiro herói... Mas, caríssimo irmão, não abandonemos a presa, nem mudemos de linguagem... O país ainda está com muito caruncho, ainda se arrepiá...

Adolfo — Vamos dourando a pílula...

Mirabeau — Outro abraço... Adeus, que já vou ver o Elesbão e, transportado de júbilo, contar-lhe tudo...

Adolfo — Não lhe fale por ora em mim, porque sou seu credor e não de pequena soma; isso o vexará.

Mirabeau — Conte-se o milagre sem se nomear o santo. (Vai-se)

CENA V

Adolfo

Adolfo — Apre, que este é de papo encarnado! O Elesbão! O Elesbão, que depois de uma bancarrota fraudulenta e escandalosa, foi-se meter carola de irmandades... E agora é uma influência política... Bem me disse o tal senhor Mirabeau que o país está à borda de um precipício. Ora, vamos a ler. Consulado... Preços correntes... O mercado tem estado... um pouco frouxo...

Gustavo (Dentro, gritando) — Minha mãe, mande buscar dez negros armados de vergalhos para esfolar esta negra, senão mato-a com este bacamarte... Isto nunca foi colarinho, é um pau-ferro, e uma serra que me corta o pescoço... Olhe esta gravata! (Muito forte) Dá-me o colete preto, que não quero esta porcaria! Dá cá a água-de-colônia. Os diabos te levem! Isso é macacá, negra... Vai-te... Vai-te, se não mato-te.

Adolfo — Eu aqui estou mal situado... Vou para outro lugar, vou lá mais para longe... (Vai indo e batem palmas) Quem está aí?

CENA VI

Adolfo e Dionísio

Dionísio (Entrando) — O doutor Dionísio Ourique de Aljubarrota... É um criado do ilustríssimo senhor Adolfo... E estima que Sua Senhoria viesse com perfeita saúde.

Adolfo — Muito boa, obrigadíssimo, para o seu serviço.

Dionísio — O excelentíssimo senhor conde de Sapucaia me manda aos pés de Vossa Senhoria entregar-lhe esta carta. Mas antes de tudo quereria saber, se é possível, o que veio fazer este herói que acabou de sair daqui...

Adolfo (Depois de ler a carta) — A mesma coisa que Vossa Senhoria.

Dionísio — E Vossa Senhoria está disposto a servi-lo?

Adolfo — Meu senhor, eu ainda não pensei sobre o caso. Demais, ele me vem recomendado por pessoas tão ilustres, que... (À parte) Vamos a ver este de que cor é, e para onde pende.

Dionísio — Pelo amor de Deus, senhor Adolfo... Salve o país das garras destes anarquistas. Tire-o da borda do abismo em que o tem precipitado esta gente. O seu acrisolado patriotismo pode influir para que se coloquem no timão do Estado homens cujas opiniões e cuja pureza de sentimentos auguram um futuro brilhante para a pátria. Veja todas essas ilustrações... A opinião geral do país aí se acha representada; ela é toda do meu lado, senhor Adolfo, porque queremos a paz, e nada de reformas. O país fica sossegado e contentíssimo dando-se ainda algumas demissões somente, e a minha gente, a nossa gente, é toda deste lote. (Dá-lhe um maço de chapas) Isto é só mandá-las... Mas recomende-as a essa gente de fora... E diga-lhe que estas listas encerram a sua prosperidade futura, a segurança de suas propriedades, a estabilidade do país.

Adolfo — O senhor conde de Sapucaia me honra agora muito... E...

Dionísio — Sim, senhor. Ele me disse tudo e confessou-me que, iludido, em outro tempo... Que intrigas o fizeram afastar de Vossa Senhoria, mas que logo que se realize a eleição, ele mesmo, em pessoa, assim como nós todos, havemos de vir graciosamente a seus pés agradecer-lhe o ter salvado a pátria, porque é por ela que nós trabalhamos, por esta pátria que eu idolatro mais que a própria vida...

Adolfo — Senhor doutor, pode ir descansado que, pela minha parte, farei o que puder. Conheço todos esses manejos... E há pouco saiu daqui um sujeito que...

Dionísio — Que é um herói... Mas como eu me acho debaixo do seu império, não quero preveni-lo contra ninguém... Nem dizer mal desses malandrins, que só pretendem pescar em águas turvas e empoleirar-se à custa dos homens de bem. Se eu fosse um homem maldizente, dir-lhe-ia que muitos destes heróis são dignos de inscrever o seu nome no livro áureo do Aljube.

Adolfo — Já não tenho ilusões, senhor doutor, discursos não me enganam. Eu conheço a gente boa do país, e por ela sempre estarei.

Dionísio — Beijo-lhe as mãos pelo seu patriotismo...

Adolfo — São mãos puras, trabalham de manhã até a noite. Vá descansado, que o bom lado há de triunfar. (Batem palmas) Entre, quem é...

CENA VII

Pompeu entra e encontra com **Dionísio**; fazem-se grandes barretadas, apertam as mãos e despedem-se com grandes cortesias, dizendo:

Dionísio — Adeus, amorzinho. Como estás bem disposto!

Pompeu — Não manges, ingrato... já não fazes caso da gente.

Dionísio — Tu é que foges. Não te queres enganar.

Pompeu — E tu para que andas pairando?

Dionísio — Adeus, adeus; estás muito enganado.

Pompeu — Adeus, amorzinho. (Vai-se)

Pompeu, Adolfo e um criado

Pompeu — Vossa Senhoria dá licença a este seu criado? Pompeu Caio do Equador.

Adolfo (Atirando com o jornal e fechando os óculos) — Pode entrar, meu senhor... (À parte) Estou com o correio em asa!

Pompeu — Não é um procedimento insólito que me guia à sua amável presença, pois que sendo Vossa Senhoria conhecido de todo o mundo como um modelo de virtude, também é conhecido meu, e por isso, sem constrangimento, aqui venho pedir-lhe cinco minutos de conferência para trabalharmos, não de coisas peculiares a este seu criado, mas sim da causa comum, de um fato que tende somente à questão de vida e de morte da pátria. Esta carta do senhor capitão Manuel Jequitibá Dendé Anhangara, pessoa muito ilustre e muito da sua amizade...

Adolfo (Como recordando-se) — Ah, sim! Conheço-o de vista... Se é a pessoa que me parece ser. Pois muito bem, eu mandarei a resposta. Sou um seu criado...

Pompeu — Veio aberta, e o particular é breve...

Adolfo (Põe os óculos com raiva) — “Ami amásio deferências banais xofram soticapa. Vejo-me neste alfoufe como um triário singrando e refrangendo contra os cachões do refoucinhado destino. Premado de afãs, vanguardo esta nebulosa ilusão gregotil das vascas extremas: sempre pela pátria.” (Respira fortemente) Graças a Deus que já entendi uma frase. “Ignóbeis mandis alrotam heráldicos vanilóquios e vapulam-me como anafil de seu gasnete, a reio, reguçados dilemas, manipulados garabulosamente por socarrões movéis, que coacervam nefelinas triscas, que anaçam a solércia do alborque eleitoral!” Faz ponto de admiração! (Durante esta leitura, Pompeu calcula votos) “Esses que esbarram” — vai melhor agora — “no sáfio alquicé de antecucos,” — pior vai ela — “que aljamia modularam em suas priscas tribos, anadéis, e que ostentam na anacefaleose de seu protomartírio gualdripados repostes e verberam a vilificante lauréola de inspissado renome...” Senhor Pompeu, este senhor capitão está bom, e de saúde perfeita?

Pompeu (Calculando baixo) — Irajá, vinte e dois; Ilha Grande, seis; Macaé, quatorze; e... Meu senhor? Ah, sim! Muito bem disposto. Escreve noite e dia, e bem cedo honrará a pátria com uma torrente de produções que causarão inveja à carunchosa Europa.

Adolfo — Tomara eu cá o caruncho, esse maldito caruncho... Inda que mal pergunto, o senhor é amigo íntimo deste senhor que daqui saiu há pouco?

Pompeu — Senhor Adolfo, eu sou homem franco. O ouro não se liga com o zinco.

Adolfo — Como os vi cordialmente cumprimentarem-se, apertarem a mão e, sobretudo, tratarem-se por tu... Chacotearem... Pensei...

Pompeu — Já trabalhamos juntos, já fomos amigos íntimos, porém ele mudou; e embora mudasse, mas não me perseguisse, e mais aos seus antigos colegas... Tem sido feliz... Tem sabido aproveitar-se...

Adolfo — Pois meu rico senhor... (Toca a campainha, vem um criado à porta). A sege está pronta?

Criado — Sim senhor.

Adolfo — Pois meu rico senhor, vou sair. Venha outro dia por cá, porque então terei tido tempo de traduzir este sarambeque obsoleto do nosso... Amigo, que o diabo custa a entender.

Pompeu — Escreve divinamente, tem um estilo único, é mestre. Agora está ele acabando um poema, e todo nesta mesma linguagem. Tem versos que... Que a gente fica no ar... Suspensa... E não sabe verdadeiramente como sair do meio de tanta pompa!

Adolfo — Concebo, no ar, suspensa!... E sem mais saída!...

Pompeu — É um poema de estrondo! É preciso pôr livros abaixo, folhear noite e dia para apreciá-lo, não é destes d'água doce.

Adolfo (Pegando no chapéu) — Pois meu senhor, até outro dia.

Pompeu — Posso contar com o patriotismo de Vossa Senhoria.

Adolfo — Eu lhe juro, por tudo o que há de mais sagrado, que pode contar com ele, e que nunca hei de abandonar o país.

Pompeu — Exulta, pátria... Que ainda tens heróis!...

CENA VIII

Adolfo vai saindo e vêm-lhe ao encontro, batendo palmas, **Tibério**, **Barão de Jenipapo**, **Catão** e **Gustavo**

Gustavo — Meu tio, para onde vai? Se é para o lado do Catete, leve-me em sua companhia.

Adolfo — Justamente. Meus senhores, eu sou um seu muito humilde criado e sinto muito não poder cumprir com o meu dever agora, porque devo sair já e tenho apenas tempo para chegar ao prazo dado.

Barão — Adolfo... É só um momento, um minuto, meu rico amigo. Dá-me uma palavra em particular, porque já te deixo livre. Tu sabes que eu não sou macista e que tenho um laconismo nos meus discursos e negócios, uma conhecida brevidade nas minhas palavras e na exposição de todas as minhas idéias, enfim, que aquilo que os outros dizem em duas horas, ou mais tempo, eu emprego sempre dois segundos unicamente, pouco mais ou menos, e algumas vezes muito menos tempo, porque certamente não há neste mundo coisa mais insuportável do que um macista, um roubador de tempo, como aquele que encontrei na sexta-feira passada, e cuja história contarei com a minha costumada brevidade.

Catão — O meu nome é Catão Goiaba de Urucu Sapé; sou também lacônico como o antigo herói e em meio segundo avio o maior dos meus particulares. Espero da delicadeza de Vossa Senhoria que me escutará. (Vai-lhe pegando no braço)

Tibério — Eu e o meu amigo barão de Jenipapo viemos primeiro, e o que um disser, diz o outro. Demais, somos pessoas ocupadas e não temos tempo que perder nestes dias.

Barão — O meu amigo tem muitíssima razão, tem razão às carradas, e certamente isto é assim. (Pega-lhe no braço) Vem, que eu acabo o meu particular... Tu já adivinhas... Mas antes de o dizer, quero contar-te uma história muito interessante que me aconteceu antes de ontem.

Adolfo — Venham em outra ocasião... Estou com muita pressa, tenho agora muito que fazer.

Tibério — Vamos, barão, que o senhor quer vender-se caro. (Pega no braço do barão)

Adolfo — Meus senhores, estão à minha espera e o negócio é meu, e importa muito ser agora mesmo. Vamos, Gustavo...

Barão — Também é meu. (Pega-lhe no braço) Tu bem sabes que não sou macista.

Tibério — Se nos é contrário, diga... (Pega-lhe no outro braço)

Catão — Basta de importunar. Os senhores são dois, ficam depois de mim. (Vai para Adolfo, e Gustavo segura-o)

Gustavo — Os senhores querem devorar meu tio?

(Batem palma na escada, sobem mais outros pretendentes perguntando pelo senhor Adolfo. Ouve-se na rua passar tropa com música. D. Clara, Cândida e Angélica atravessam a sala. Os cabalistas largam Adolfo e vão, com muita cortesia, cumprimentar as senhoras, e enquanto elas fazem medidas e recebem, Adolfo e Gustavo safam-se. Os cabalistas ficam olhando uns para os outros, e muito embaraçados, depois que as senhoras se ausentam. Angélica volta a sentar-se, depois que se não ouve mais a música do batalhão, e o barão ainda lhe faz mil barretadas, como querendo pregar-lhe uma maçada. Ela nada diz; o barão vai saindo muito calado com os outros, que olham para os lados da casa como para verem se Adolfo escondeu-se. Ouve-se rodar a sege de Adolfo e eles sacodem os ombros)

CENA IX

Angélica

Angélica — Se os homens pensassem na morte a todas as horas, não haviam de representar estas cenas tão burlescas e ridículas. Todos estes ambiciosos são como os limonadeiros: espremem o fruto enquanto há sumo, depois lançam-no na estrada e são os primeiros a pisá-lo. Se meu tio não fosse tão rico, se não tivesse tantas relações, vivia mais sossegado. (Borda)

CENA X

Angélica e Firmino

(Angélica sente um grande sobressalto vendo Firmino, mas abaixa os olhos e trabalha)

Firmino — Bravíssimo! Que linda obra! Está bem debuxada: graça, harmonia, e uma perfeita execução! Para quem é esse mimo tão gracioso?

Angélica — Para uma pessoa, que o saberá quando lho ofertar.

Firmino — Quando um mistério se envolve em amores perfeitos, é digno de toda a veneração... Vamos a ver o pulso. (Pega-lhe no pulso) Está agitado, vá passear no jardim. Por que não foi ouvir a música? Largue o trabalho.

Angélica (Fixando-o por algum tempo) — Primo, em que mundo vive essa cabeça?

Firmino — No passado e no futuro.

Angélica — E o presente?

Firmino — Nesse vivo alguns instantes, porque é o ponto médio que separa o passado do futuro. O presente é pouca coisa.

Angélica — Entre o túmulo e a esperança paira vossa alma. Os vivos, conforme a vossa opinião, não são mais que autômatos que se movem segundo o seu instinto horário.

Firmino — Prima, as ilusões acabaram-se na minha idade. A minha profissão é um livro que encerra as páginas do desengano. À roda da vossa fronte giram mil sonhos, cadenciam-se mil silfos, que entoam uma melodia suave e lisonjeira; o mundo para vós é ainda uma estátua onde o belo ideal embutiu suas divinas formas. Mas, para mim, é um moribundo que se debate entre a vida e a morte.

Angélica — Se eu fosse homem... Se eu tivesse liberdade de águia! Mas nós somos um espelho que se embaça com o hálito de um suspiro, e se o dedo da maledicência o toca, ei-lo despedaçado para sempre. Ditosa França, aonde as mulheres podem largar a redoma de vidro em que as colocaram os homens... Ditosas aquelas cuja sociedade não lhe(s) oferece a prevenção antes do juízo, o sarcasmo antes do apreço e o esquecimento antes do prêmio. Se eu pudesse escrever...

Firmino — E por que não?

Angélica — Para que lançar uma folha ao vento, onde depositei o sacrário de minha alma? Seria o outono da vida moral. Estas abóbadas invertem os sons da mais pura melodia. Um olho que vê de través, um tímpano caduco, são barreiras inflexíveis contra uma alma contemplativa e sentimental.

Firmino — Os romances, minha prima, eu os considero como uma flor do gênio da poesia, como criações de uma fantasia que oscila em toda(s) as escalas. Colho deles o que é belo, justo e honesto, mas nunca o extravagante. Lembrai-vos somente que uma vida perfumada de ilusões sentimentais é um suplício, um sonho tormentoso que nunca se realiza.

Angélica (Levantando-se) — Primo, você nunca olhou para o sol?

Firmino — Mil vezes. Por quê?

Angélica — E o que é que lhe fica na vista?

Firmino — A impressão forte da luz, muitas manchas que mudam de cor e que se antepõe(m) aos objetos.

Angélica — Essas manchas são a imagem do remorso. Sua variedade e cor representam a metamorfose de uma mente atribulada. No meio de um riso, nas mais doces efusões de nossa alegria, elas nos perseguem; na folha a mais pura de um lírio elas se mostram tintas de sangue e de luto... Até mesmo na cor preta... E ainda mesmo com os olhos fechados não se evitam... Sempre nos perseguem! Manchas d'alma... Ah, nem mesmo o sono as evita!

Firmino — O que é isso, minha amiga! Acaso algum remorso, talvez...

Angélica — Calai-vos, não é o que pensais. Longe de mim o crime que vos enegreça agora a mente!... Meu coração está puríssimo, mas meus lábios me condenaram ao suplício. A minha resolução está tomada: transforme-se numa coroa de martírio a grinalda do himeneu. Co'a fronte ensangüentada, arrastada por uma mão de ferro, converterei o tálamo numa fogueira e minhas cinzas, trituradas com o furor dos ventos, irão ululando pelos ares e amedrontando as virgens e matronas! Aquele astro que no albor da vida me fascinou com seus raios lisonjeiros, que magnetizou minha existência com a magia de sua luz, quanto mais me aproximo dele... Tanto mais se escurece... Uma invencível cadeia tecida pelos anéis do inferno... Uma serpente invisível me comprime o coração... Oh, que cilício horrível me estrangula! (Baixo) Uma palavra proferiu minha sentença... Outra me despenha o cutelo...

Firmino — O médico e o confessor são os depositários do que pode haver de mais sagrado no ádito d'alma... Uma palavra somente... A nossa memória recebe a página do infeliz, e o nosso dever passa-lhe a esponja do esquecimento depois do remédio. Confiai num homem de bem, num médico.

Angélica — Senhor, se o vosso santuário não é profanado pela indiscrição, peca por efêmero. Infeliz da humanidade se a esponja da indiferença limpasse a ardósia das consternações humanas. Que lições teriam os vindouros?

Firmino — A imaginação é o algoz da vossa existência. Vós cuidais que eu olho para as mulheres como ecos de uma quimera, como entes desprovidos de heroísmo e de sentimento? Não lhes confiou Deus a maternidade?... (Firmino olha fixamente para ela, como querendo ler no fundo de sua alma)

Angélica (Com ironia) — As mulheres são inconstantes e caprichosas...

Firmino — Não sejais injusta. Eu nunca confundirei um desejo efêmero com uma paixão, nem um pirilampo com um astro... Angélica, vós estais arrependida do sim que destes a Arnaud. (Angélica abaixa os olhos. Grande silêncio) Todo o envoltório que encobria a história desse rapaz, eu o descobri. É de uma família ilustre: o pai ganhou seus títulos no campo de batalha. Napoleão, o próprio Napoleão, com a sua augusta mão, condecorou os ombros e o peito do guerreiro. Foi-lhe fiel. A restauração matou-o... Não é ele uma nobre vítima de sua constância e de sua gratidão? Não é também nobre o filho que na terra estranha amassa com as lágrimas do exílio o pão que o nutre? Uma educação completa adorna todos estes predicados. Quantos conheço eu que, em idênticas circunstâncias, se honrariam mais de serem...

Angélica — Tudo isso é verdade, e tudo isso nele reconheço.

Firmino — Será o que diz o leviano Gustavo? É estrangeiro?!...

Angélica — Eu não sou dessas mulheres que se nutrem de migalhas. A honra, o gênio, pertencem ao universo. Ambos têm seu prêmio no código da moral eterna. Mas essa educação brilhante, é ela sancionada pela efusão do coração, pelo êxtase do gênio?

Firmino — O gênio é um mimo que a Providência distribui com avareza a certos homens. É um cometa luminoso que passa e desaparece, brilhando em relação àqueles que o contemplam. O homem de gênio possui na verdade essa efusão de amor ao ponto de delírio, mas depois do delírio os órgãos se enfraquecem e a convalescença é longa. O dia em que um sorriso não aparece em seus lábios é um dia de luto para sua esposa. Ele vive numa contínua oscilação do movimento à apatia, e isto desagrade as esposas, porque...

Angélica — Porque muitas não compreendem essa sublime pêndula, que se candencia da terra aos céus.

Firmino — Vós sois capaz de o apreciar. Mas, minha prima, todos esses meteoros são como os sonhos da esperança; todas essas belezas, toda essa sublime poesia, todos esses simulacros se transfiguram em descandados esqueletos dentro das quatro paredes de uma casa.

Angélica — Vós considerais a mulher como uma árvore destinada a produzir frutos, e sem participar da natureza do fruto... Doutor, vós não sois coerente neste momento com as vossas opiniões.

CENA XI

Firmino, Angélica e Cândida

Cândida (Correndo com uns livros) — Aqui estão... Aqui estão estas músicas, e a última edição de Byron, ilustrada com lindas gravuras. Estás contente?

Angélica — Byron, o cisne de Albion, a glória última de Inglaterra! Que dias felizes vou passar!

Firmino — Gênio, fúria e extravagância... Entre Werther e Byron não vejo unidade de sentimentos...

Angélica — Foi infeliz... (Baixo) Amou sem ser amado...

Firmino (Baixo para consigo mesmo) — Amou sem ser amado!! (Fica pensativo)

CENA XII

Firmino, Angélica, Cândida e Adolfo

Adolfo (Entrando) — Meus senhores, vou despir-me, esperem um pouco. (Para os de casa) Aquele Gustavo é um maluco, sai comigo e na porta desaparece; olho para o relógio e era passada uma hora do prazo dado. Fiquei mal com o meu homem, só por aturar os importunos, e foi-me preciso voltar.

Cândida — No momento de descer a escada, esqueceu-se do que ajustou e seguiu para outro rumo imediatamente. Anda agora muito distraído. Creio que a moléstia pega, porque aqui o doutor também está na mesma...

Adolfo — As reflexões deste são mais sérias. Olha, Firmino... Já estão aí quatro cabalistas novos. Existem mais de nove chapas diversas, e passando pelas ruas não se vêem senão ajuntamentos falando em chapas, cabalas, votos, colégios... A estatística eleitoral está na última perfeição.

Firmino — E o correio quadruplica as suas rendas nesta época...

Adolfo — E eu vou-me transformar em Assuero: vou já fazer nova viagem, porque apenas me demorarei o tempo necessário para meus negócios. Adeus, vou à praça ver o mercado.

CENA XIII

Antônio, Firmino, Adolfo e Angélica

Antônio — Grande novidade! Está tudo em movimento! Houve uma revolução na França: o povo combateu três dias e três noites e Carlos X fugiu. Desordens na Itália, na Polônia e na Bélgica.

Adolfo — Seria essa a causa principal dos grupos que vi na rua! E quem vos deu essa nova?

Antônio — Foi Arnaud. Está o rapaz num delírio de prazer e já me pediu licença para amanhã ir jantar com muitos dos seus patrícios. O pior é que vejo um não-sei-quê que me desagrada.

Adolfo — A febre imitativa é uma peste invisível que se propaga com a velocidade do raio.

Firmino — Pois então chegou o momento de propor-me para candidato; ajudem-me, meus tios, que eu sou um homem necessário.

Adolfo — Para ti estou pronto.

Antônio — Embarco-me contigo, sigo os teus pressentimentos.

Firmino — A tempestade vai engrossar; o vulcão vai despejar a lava e cobrir a terra de um flagelo que o homem só conhece depois de duras provas: tudo vai estremecer. Sinto abalados os alicerces do futuro. Ah, se eu tivesse um braço de gigante para amparar o dique horrível que se vai romper sobre nossas cabeças, ou desviá-lo! Se eu fosse uma águia para arrebatrar o cordeiro e guardá-lo nas nuvens,

abrigado da tempestade mundana; se eu fosse um anjo para salvar a arca da aliança, o paládio de nossas esperanças, de nossa grandeza!... Vamos, meus tios, vamos a segurar o baluarte e suspender na borda do abismo as relíquias sagradas que o anjo das trevas intenta rojar em sua fúria satânica. Quero ser candidato, quero ser deputado. A pátria reclama o meu braço.

Antônio — Faremos o que pudermos. Não há mais tempo que perder. Empregue-se tudo: amizades, favores, dinheiro, tudo, tudo.

Adolfo — Este rapaz me faz virar de bordo inteiramente. Ora vá, desta vez vou-me enterrar até o pescoço.

Angélica (À parte) — Meu Deus, meu Deus, todas as minhas esperanças se desvanecem... O demônio da ambição veio de assalto apoderar-se de sua alma, devastar-lhe toda a poesia do coração e torná-lo insensível como um ambicioso. Eu tremo! Não vá ele sacrificar uma vida tão cheia de virtudes a uma hora de elevação. Ai de mim, infeliz, que não tenho mais luz! (Vai-se)

CENA XIV

Antônio, Adolfo, Firmino, Barão, Pompeu e Mirabeau

Barão — Amigo Adolfo, ainda estás muito ocupado e disposto a mangar comigo? Aquela tua fugida ao som da música me faz lembrar uma história muito engraçada e que faz rir as pedras. Mas sentemo-nos primeiro, porque a quero contar com todos os ff e rr.

Adolfo — Fica para logo. Meus senhores, vamos a trabalhar.

Pompeu — Prontíssimo. Aqui está a chapa da nossa gente.

Mirabeau — Guardem lá isso; agora estamos nós de cima, e o senhor Adolfo me entende.

Adolfo (Chama Mirabeau de parte, fala-lhe ao ouvido, e este vem muito seguro de si para a cena) — Percebe, senhor Mirabeau, eu cá sou assim.

Mirabeau — A sua vontade é uma lei para mim.

Antônio — Se for preciso dinheiro, estou pronto.

Mirabeau — Não há de ser preciso grande coisa; falaremos logo nisso.

Adolfo (Chama o Barão e Pompeu de parte e fala-lhe [s] ao ouvido) — Eu só proponho uma transação. Tenho um candidato e dou por ele vinte e dois colégios.

Barão — Vinte e dois colégios! E quem é ele, como se chama esse filho da vitória?

Adolfo — É o senhor doutor Firmino.

Mirabeau — E quem é o senhor doutor Firmino? Que títulos apresenta a nossa simpatia?

Barão — Quem é o senhor doutor Firmino?

Firmino — O autor de todas as obras de Brasília Elísio.

Barão — Homem, a descoberta desta incógnita me faz agora lembrar um caso que não posso deixar de contar. Na cidade de Antuérpia, em Flandres...

Antônio — Não há tempo que perder. Vamos, senhores, para o meu escritório.

Mirabeau — O senhor doutor é que é o autor daquele opúsculo sobre a harmonia das leis?

Firmino — Sim, senhor.

Pompeu — E aquela obra sobre a Colônia, Reino e Império de Santa Cruz, também é de sua pena?

Firmino — Sim, senhor.

Barão — E esta última, que me disseram, sobre a necessidade das colônias, e qual o futuro da nossa agricultura?

Firmino — Também é minha.

Adolfo — Pois tu é que escreveste as obras de Brasília Elísio?

Firmino — Sim, senhor.

Adolfo — Não precisas de mais títulos, nem de outros serviços.

Todos — Viva o nobre deputado!

Barão — Viva, viva! Mas escutem uma nova historiazinha que agora me caiu entre os dentes: no incomparável parlamento das Ilhas...

Firmino — Aceito e prometo cumprir com os deveres de um verdadeiro representante da nação brasileira. Tudo pelo Brasil e para o Brasil!

Todos — Viva o nosso deputado!

Fim do segundo ato

TERCEIRO ATO

A mesma sala do primeiro ato

CENA I

Firmino

Firmino (Com o chapéu na cabeça) — Vamos... Onde botei eu a minha outra caixa de lancetas? Aqui, não... Ah, cá estão! Pobre rapaz, e pobre mãe! (Abre a gaveta e põe algumas notas do Tesouro na carteira) Isto basta; com esta soma poderão viver fartos durante a moléstia. Ah! Já me ia esquecendo a pobre velha. Não me falta que fazer. (Vai saindo)

CENA II

Firmino e Cândida

Cândida — Aqui está o remédio de minha mana. Anda Vossa Mercê numa dobadoura, e ainda mais agora, que aspira a ser deputado, e há de ser.

Firmino — Dê cá. (Abre o vidro, cheira e entrega a Cândida) Uma colher de chá de meia em meia hora; se ela repugnar a tomá-lo simples, misture-o com água morna. Eu já volto, vou aqui ao vizinho.

Cândida — Pois onde vai com tanta pressa?

Firmino — Vou sangrar o pobre Geraldo carpinteiro, que está com uma pneumonia famosa, e ver aquele homem da louça, que também está mal.

Cândida — Ora, eles não hão de morrer, e demais, não lhe pagam nada. Venha ver Angélica.

Firmino — O perigo destes é grande e importa muito uma hora de tardança. É um filho que sustenta sua mãe, e o outro um pai de nove criancinhas. E, minha amável prima... Não devemos ir somente onde os pagam. Eu, por certo, não sou homem de aluguel. Tenho recebido algumas ingratidões, mas o que são elas a par do prazer de ver passearem tantos defuntos na rua?

Cândida — Como é que os defuntos passeiam?

Firmino — Por seu próprio pé. O José Daniel, guarda-livros, não é um defunto ressuscitado?

Cândida — Percebo agora.

Firmino — E muitos nem o chapéu me tiram.

Cândida — E se o mandarem chamar outra vez?

Firmino — Vou, seja a que hora for.

Cândida — Pois eu não ia.

Firmino — Porque não podeis apreciar ainda a grandeza, a majestade daquele que é um verdadeiro médico, o cura corporal da sociedade. Ah, sim! Mande entregar este dinheiro... Não... Aqui tem as chaves da minha carteira e, do dinheiro que achar, mande metade àquela viúva lá da rua do Aljube. Ela já vai escapar, mas a filha ainda não está livre. É pena morrer uma criatura tão bela, tão mimosa e tão engraçadinha.

Cândida — Sim! E que idade tem essa moça tão bela, tão graciosa, tão mimosa?

Firmino — Não é uma moça, é uma menina de nove anos e nada mais. Eu volto logo, apesar de ter uma junta... (Vai-se)

CENA III

Cândida e Gustavo

Cândida (Fica muito contente e fecha a porta da sala) — Ora, gora estou só e com as chaves na mão. Quero ver a meu gosto o que está nesta carteira, onde ele guarda os seus segredinhos. Nem sei como me confiou a chave! O que é isto? (Desembrulha) Um retrato... Olhos azuis, cabelo louro... Dá uns ares, de longe, com Angélica, mas ela tem olhos pretos. Entendo, algum pecado velho. E se esta mulher ainda vive? Cartas em francês! Agora estou arrependida de não ter estudado bem, porque havia de as ler todas; assinadas “Adelaide”, quantas cartas! (Abre uma gaveta) Assim mesmo ele ganha muito dinheiro! Quando me casar, hei de pô-lo em regra. Nunca mais há de escrever livros. Não quero que passe as noites em claro, em cima de uma mesa; é melhor dormir sossegado. Proibição total de esmolas, a mulheres principalmente; boa sege, bons passeios, bons bailes, e todos os paquetes ter os últimos figurinos de Paris. Ninguém há de andar mais bem vestida do que eu... Que caderno será este? Despesas... Obras de Alibert, cinqüenta mil-réis. Ora veja, para que mais livros! Meu Deus, quanto dinheiro! Retrato de minha mãe, cem mil-réis; caixilho de ouro e cravação de pedras, 350 mil réis... Ah, é o retrato de minha tia! Por isso não é bom suspeitar mal de ninguém. Não era feia, mas o outro retrato está mais velho e não tem este penteado. Não sei que gosto era aquele de trazerem as cinturas tão em cima, que moda tão indecente! Se eu usasse outra vez este penteado, eu era das primeiras a trazê-lo; acho-o bonito... Ora, tudo quanto é moda é bonito. Vamos a tirar o dinheiro que ele mandou... Oh, cá está outra conta! Meu Deus, quanto tem dado! Tudo, tudo dado! Este homem precisa ter quem o guie; gasta dinheiro como água. Ora, ora, nem ele sabe o que tem! Cinqüenta mil-réis para uma mulher! Os ricos nunca dão tais esmolas. Com todos estes desperdícios podia ele ter uma bela sege. Eu quero ir ao teatro todos os dias, e hei de pôr este quarto em ordem. Este barulho é o que a minha bela mana chama uma bela desordem, uma bela confusão. E diz ele que isto é um bom sinal! É muito estúrdia, tem coisas [em] que não se parece com as outras.

Gustavo (Dentro) — Candinha, Candinha, abre a porta. Já te espiei pelo buraco da chave. Que estás fazendo? Abre.

Cândida — Estou tirando uma coisa que o primo mandou. (Fecha tudo, guarda a chave e abre a porta)

Gustavo — (Com um grande charuto) — Que dinheiro é esse?

Cândida — Que tens, estás tão agitado! Que olhos, meu Deus! O que é que te fizeram?!

Gustavo — Nada. Pensei muito esta manhã e quero mudar de vida.

Cândida — Fazes bem, porque isso não é viver. Quem quererá casar contigo? Não tomas assento nenhum?

Gustavo — Que dinheiro é esse? Responde.

Cândida — Firmino disse-me que abrisse a carteira e, do dinheiro que achasse, tirasse metade para dar uma esmola. Vi embrulhados quatrocentos mil-réis, vi mais um papel com dois bilhetes de cem e estes cem separados. Creio que é isto o que ele quer, são cinqüenta; do contrário, seria deitar tudo fora.

Gustavo — Não, a conta está clara: são 350. Talvez seja para aquela pobre mulher da rua do Aljube... Ainda hoje por lá passei e dei-lhe uma esmolinha, não pude dar mais. Logo lá hei de ir para saber como vai a sua pobre menina... Faz-me uma pena... (À parte) Vamos a ver se engole a pílula. Estou doido, furioso por dinheiro.

Cândida — Isso não pode ser, é muito dinheiro! Já que o céu te tem chamado para o seu lado, não te custará nada, uma vez que lá tens de ir, dar-lhes estes cinqüenta mil-réis, porque são para ela mesma.

Gustavo — Nada, nada, cumpra as ordens do primo e não seja avarenta do que não é seu. São 350 mil-réis.

Cândida — E se o primo me criminar?

Gustavo — Dize-lhe que eu sou a causa. Anda, abre, dá cá o dinheiro. Caridade pensada e de esmola mesquinha.

Cândida — (Abre a carteira, tira mais dinheiro e dá-o a Gustavo) — Aqui está. Treme-me a mão, não sei o que me está dizendo o coração. Estás hoje com um ar que me parece um não-sei-quê!!

Gustavo — Qual ar, nem pera ar! Estou como sempre. Que vidro é este?

Cândida — Ah, é o remédio de Angélica.

Gustavo — Coitadinha! Ela à espera dele e tu aqui de parola! Dá cá isso. (Toma-lhe o dinheiro)

Cândida — És selvagem até no fazer bem. Olha, Gustavo, não vai botar fora esse dinheiro, como aquele de Angélica...

Gustavo — Chiton... Que não estou para graças.

Cândida — Espera-me aqui que eu já venho para te pedir que me tragas umas amostras, mas eu preciso te explicar isso muito, porque...

Gustavo — Está bom. Vai-te. (Cândida vai-se)

CENA IV

Gustavo

Gustavo — Que fatalidade! Virar-se a roda da fortuna depois de haver ganhado as primeiras mãos! Fui para a roleta, zape: ganho seiscentos mil-réis, e vão-se em menos tempo do que vieram! (Tira um cartão da algibeira, como costumam ser os das casas de jogo, e senta-se) Aqui está tudo: cinco lances da preta... Três da encarnada... Um preto, a encarnada segue, eu digo “agora sim”; zás, preta, preta; vou para a maldita vermelha, dobro a parada, zás. Parecia que Satanás sorria-se da minha queda! Tudo, tudo perdi. Imprudência, imprudência... Não devia mudar. E o que fiquei devendo na casa? Meu pai... Deus me livre. Meu primo... Tenho novo sermão, e já

está sangradinho, já está mais que sangrado. Arnaud? Daquele mato não sai coelho; sovina como um ginja. Este dinheiro?... Este dinheiro... E se eu o perder ainda? Se o dono da casa me disser: “Meu senhor, Vossa Senhoria não tem mais crédito aqui,” como disse ao doutor Sandelico, meu amigo? Apre, que não, longe de mim tal vergonha. Um cavalheiro deve medir suas ações. Para que fui eu enganar a tola da Cândida? Se eu perder este dinheiro?... (Pausa) Não, este dinheirinho tem feitiço este dinheirinho tem virtudes, é destinado para uma obra pia, vamos a jogar com ele... Mas se a pobre mulher fica sem a esmola?... Se eu ganhar, dou-lhe o dobro. Nada, nada, quem pensa muito fica doido e não faz nada. Por força que hei de ganhar; sinto uma coisa cá dentro que me diz: “Gustavo, tu hás de ganhar.” (Vai-se)

CENA V

Cândida

Cândida — Gustavo, Gustavo, onde estás? Que doido, foi-se sem se lembrar da minha encomenda. Ora, queira Deus que aquela cabeça vá direita à rua do Aljube. Tomara já que Firmino venha, tenho dois pesos no coração: este dinheiro que dei e o incômodo de minha irmã, que não sei bem o que é. Ora a vejo boa, ora pior. Se aqui não anda outra coisa encoberta! E por mais diligências que faça, não descubro nada. Angélica fica doida; às vezes rola-me uns olhos que me metem medo! Tantas vezes lhe digo “mana, vamos dormir”; nada, lê e relê, chora por gosto. Eu não, choro, mas logo me passa e não fico o resto do tempo, como ela, tão triste. Eu sei que tudo aquilo é mentira. Ah, aí vem ele!

CENA VI

Firmino e Cândida

Firmino — Viva, viva. Como vai a doente? Já deu o remédio?

Cândida — Assim, assim. Aqui está a sua chave. Já mandei o dinheiro à mãe da tal beleza engraçada, etc. etc.

Firmino — Por quem?

Cândida — Pelo Gustavo, que conhece muito essa mulher e lhe tem feito algumas esmolas.

Firmino — Por meu primo! Gustavo está esmoler?!

Cândida — Sim, senhor, por quê?

Firmino — Por nada. Não sabia que ele a conhecia. (Cândida vai se indo) Escute, prima, quanto mandou?

Cândida — Olhe, se há alguma coisa, eu não tenho a culpa. Gustavo foi quem me disse que eram trezentos e cinquenta. Eu queria dar-lhe somente cinquenta.

Firmino (Pensando) — Pois bem, está bom. Agora conceda-me licença para trabalhar um pouco, tenho muito que fazer. (Baixo) Não expliquei bem, pago.

Cândida — Até o jantar. (Vai-se)

CENA VII

Antônio e Firmino

Firmino (Consigo) — Há dias aziagos. Diz-me o coração que este dinheiro há de seguir o caminho do mais. Quando meu tio souber...

Antônio — Doutor, o que é que tem esta minha Angélica?

Firmino — Aquilo é passageiro, são fenômenos nervosos. Angélica tem muita imaginação, é muito impressionável. É necessário que ela vá para um lugar afastado, para um ar puro como o da serra, e lá viva sem livros, sem romances, apenas com algumas músicas, e essas mesmas devem ser alegres. E nada de cantar.

Antônio — Tudo isso pode ser, mas há um não-sei-quê de misterioso naquela enfermidade que me confunde. E o abalo da viagem, não lhe fará mal?

Firmino — As primeiras horas, talvez no primeiro dia, mas esses incômodos serão adoçados pela variedade e beleza da estrada. Quem tem alma grande não tem outro tempo mais em viagem do que para admirar a suntuosidade e magnificência desta terra. Assim tivéssemos nós um verdadeiro amor a ela e um pouco mais de bom senso. Mas vamos ao caso. É necessário que ela parta quanto antes.

Antônio — Há de ir com teu tio. Lá pela distração não vejo grande utilidade, porque aqui ela tem tudo o que pode desejar, mesmo em casa. Sabes que nada poupo.

Firmino — Mas acompanha a isso tudo a pureza do ar, a bondade das águas e uma nutrição mais sã do que a desta cidade. É outra natureza, objetos novos...

Antônio — Doutor, eu creio que o estudo da filosofia foi muito forte para a cabeça de Angélica e que lhe enfraqueceu a saúde. Não sei... Sou pai... Não sei a qual eu amo mais, só o que sei dizer é que, quando Angélica adoece, eu fico mais pesaroso. Ditoso o pai que possui uma filha como Angélica! Tudo nela é de uma delicadeza extrema, um coração de anjo! Antes de voltares da Europa, ela me parecia mais bela que a irmã, não sei, havia mais simplicidade. Isto é conversa de amigo íntimo, porque um pai é pai. Ora, por exemplo, aqueles versos que ela fez no dia dos meus anos, ninguém acredita que são dela. Todos dizem que houve mão estranha e que uma moça não é capaz de os fazer.

Firmino — Do que ela é capaz sei eu!... Feliz do homem que a possuir.

Antônio — É precisamente o que ela diz de vós, quando conversa com a mãe ou com a irmã, e isto é de tal maneira que a Cândida disse que se não tinha ciúmes dela, e muito fortes, é porque a conhece e é sua irmã. Que crianças... Valha-nos isto para rir.

CENA VIII

Antônio, Firmino, Dona Clara e Cândida

Dona Clara — Veja se a pode persuadir a sair para fora, com a sua máxima autoridade, porque eu já me não atrevo a falar-lhe nisso. Custa-me muito amofiná-la.

Antônio — E o que ela responde?

Cândida — Chora e não diz nada. Por qualquer coisa chora!

Dona Clara — Até porque o Arnaud foi divertir-se com os seus patrícios.

Cândida — E quando ele passou com aquele grande ramallete de flores, ela me disse que as flores tinham cheiro de orgia e que lhe fizeram náusea.

Antônio — Criançada. Com doçura tudo arranharemos, e decerto que há de ir para a fazenda de meu irmão. E agora que tudo são flores no engenho! Neste tempo até o gado trabalha com gosto. Onde está Angélica agora, porque vi-a na sala do jantar com um maldito livro?

Dona Clara — Lá está no jardim a ler, e eu vos vinha chamar para que a fôsseis ver.

Firmino — E o que lê ela?

Cândida — Chateaubriand.

Firmino — Mas que lê ela de Chateaubriand?

Cândida — A sua favorita: Atala. (Firmino fico pensativo)

Dona Clara — No que pensas, doutor?

Firmino — Nada... Ah, perdoai-me! Revolviam agora um meio mais pronto de salvar Angélica.

Antônio — Pois quê! Seu estado é tão grave?!

Dona Clara — Minha filha está tão mal?!

Cândida — Pois que tem ela?!

Firmino — Devagar, meus senhores, nada de violências. Um talho de canivete, um espinho de rosa, têm algumas vezes conseqüências muito funestas. O médico vê mais o futuro, e o futuro tem as suas indicações no presente.

Dona Clara — Eu morreria de dor. Nem pensar nisso quero...

Antônio — Venha comigo, doutor, venha ajudar-me a persuadi-la.

Dona Clara — Tens um grande império sobre ela.

Firmino — Porque sou médico, e por isso me guardo para a última demão. Vão, que eu irei depois. É muito melhor que vosmecês empreguem todo o seu poderio, toda a sua eloquência persuasiva, todos esses mimos e jeitos que não possui um homem, do que chegar eu com a minha potestade magistral, com o meu firmão de vizir, e ela ficar contrariada. Um médico não deve agravar a moléstia.

Cândida — Tudo se faria mais depressa indo o meu primo agora.

Dona Clara — Porque assim poderemos arranjar a sua roupa toda.

Firmino — Vão, que eu lá irei acabar a obra.

Dona Clara — E ela pode levar a harpa portátil?

Cândida — Serão necessários vestidos de lã. Às vezes faz frio na roça.

Antônio — Caímos no moto contínuo. Isso não tem fim. Senhoras a conversarem em arranjos levam a palma a todos os teólogos em disputas sobre o livre arbítrio.

CENA IX

Firmino

Firmino (Tira vários papéis da algibeira, a carteira, e cai-lhe um embrulho no chão) — O que é isto? Não me lembro de haver comprado nada. (Desembrulha) Os suspensórios que Angélica bordou! Esse mimo que ela destinava para uma surpresa e que tanto me ocultara, envolvendo sempre num doce mistério! Um papel dentro! Versos! Vejamos: (Uma perturbação involuntária se apodera de sua alma. Considera os suspensórios, põe-nos na mesa, passa os dedos nos olhos, como para aclarar a vista, e lê:)

Eu nasci p'ra suspirar,
Para a dor, para a ternura;
Embalou-me o berço a mão
Da mais cruel desventura.
Também nasci para amar,
Para amar com puro ardor;
Mas se eu amo, uma desgraça
Me transmuda o risco em dor.
Minha alma é como um espelho
Que a imagem da dor reflete;
Meu coração como um eco,
Que os meus suspiros repete

Eu tenho dentro em meu peito
Uma fênix amorosa,
Que renasce luminosa
Sobre a chama do seu leito;
Que renasce progressiva
No vigor, na intensidade;
Que se abrasa, e me devora
Com terrível crueldade.
Quando o buril da velhice
Em tuas faces gravar
Os sulcos da longa idade,
E o teu cabelo nevar...
Recorda, lendo estes versos,
Aquele que os escreveu;
Dá-lhe uma lágrima, e diz:
Foi desgraçada!... Morreu!!

(Firmino fica estático, com os olhos fixos no último verso; depois de algum tempo corre com os olhos esbugalhados e torvos todo o papel; pega nos suspensórios, vai-os levando aos lábios, mas atira-os precipitadamente na mesa, amarrota involuntariamente o papel em uma contração das mãos, passeia e diz:) Com que sou eu o anjo exterminador que paira sobre a cumeeira desta casa! O Satanás que sopra no teto hospitaleiro a perturbação e a desgraça! A víbora que envenena o néctar do santuário doméstico! O abutre que espicaça o coração de seus benfeitores! O vampiro funesto que inocula a peste invisível de uma pústula infernal?! Ah, meu Deus! Dois abismos terríveis, dois vulcões se abrem a meus lados. Mas que espectros de fogo são estes que se apoderam de minha mente e de meu coração? Que mar de chamas, que tempestade infernal ferve, me abrasa e parece que me engole?! Ouço o canto das harpias, o ulular das fúrias e vejo o braço do Averno salpicando os céus e a terra com as trevas do caos. Tudo é escuridão! Picos alcantilados, precipícios e uma serpente infernal, tão longa como o horizonte, tão fria como a morte, que me prende, que me prende e titubeia os passos! E como, como fugir deste labirinto horrendo, como abraçar dois gigantes envolvidos em nuvens de ferro? Terá minha alma esse poderio celeste que combate, e palmo a palmo conquista e triunfa das muralhas do inferno?! Meu Deus, meu Deus, socorrei a minha inocência e extingui em meu coração esta flama que o abrasa e o calcina. (Passeia rapidamente, abre as janelas, por onde se vê a vista da barra, respira o ar puro da viração e senta-se, olhando para o Pão de Açúcar) Rocha sublime, eterno monumento da minha pátria, gigante de granito aonde o ronco das tempestades, a fúria dos raios, não abalam o mais pequenino átomo de tuas entranhas. O raio se desliza em teu espinhaço como a jibóia num tanque circulado de flores, e a vaga do oceano que desmonta os botaréus de baluartes seculares, que desmorona esses gigantes de pedra com fibras de ferro, que iluminam as costas, vêm lambe-los e engrinaldá-los com festões de nívea espuma. Quanto és feliz! Os teus poros, onde ressumbra a eternidade, só serão abalados pelo som da trombeta eterna, pela voz do último hino que entoará a ruína do universo, a cessação das harmonias e a reconquista do caos! Paixões mundanas, misérias terrestres, lágrimas, dores, tu nunca conhecerás! Nunca perturbarão tua existência! Filho da criação, pátria de ti mesmo, teus amores são os céus, as nuvens tua coroa augusta, as palmeiras tuas madeixas, o teu coração a terra, os teus olhos o sol, a tua vida um círculo harmônico e o teu triunfo a eternidade. Quem me dera ser uma rocha, uma planta, porque não

gemeria, não fugiria da broca ou do machado; o braço do homem seria uma nuvem e sua voz um sonho desprezível... Angélica, pobre Angélica, nascemos infelizes! Tinha-lhe, é verdade, uma simpatia que passava a ponto de entusiasmo. Mas a minha palavra a meu tio dissipava todos os fantasmas que se aglomeravam em minha imaginação. Algumas vezes me vislumbrou, não um ciúme, mas uma espécie de inveja da sorte futura de Arnaud... Ah, se eu soubesse que ela nunca o amara... Mas que intento? E a outra? Caráter igual, verdadeiro tipo de uma mulher para casa, talvez incapaz de violento amor, mas também incapaz de violento ódio... Nada, nada, é preciso fugir; abandone-se tudo, resista-se a tudo neste horrível combate, antes que a peleja se trave profundamente no meu já tão dilacerado coração, aliene a minha razão e tenha um triunfo, onde a suspeita possa enegrecer a honra. Pobre Angélica! Como me seria suave o dar-te um ósculo de ternura em tua fronte virginal... Tu és como o arcanjo da beleza sentado sobre um túmulo entre mil ruínas, o lírio da pureza, expandindo o seu aroma no deserto e açoitado pelas areias do Suão! Mas agora me lembra: Arnaud estava hoje sombrio, abaixou os olhos quando penetrei no escritório! Uma ave sinistra lhe esvoaçava na mente... Havia em sua fisionomia não sei que traços, que nuvem misteriosa, que estampavam uma grande perturbação em sua alma. Seriam algumas suspeitas? Nada, a bola de neve está lançada, e deve engrossar-se em um terreno gelado. Devo ausentar-me. Fingirei uns trabalhos científicos, um comprometimento, ganharei tempo. Meu Deus! Para que vim eu ao mundo? Para que não morri antes?...

CENA X

Firmino, Adolfo e Pompeu

Adolfo — Tudo vai às mil maravilhas. Aqui fica o senhor Pompeu, que é dos nossos e que nos augura um completo triunfo na corte e seus arrabaldes. Esta madrugada vou para a minha casa, e lá me demorarei o tempo necessário para certas ordens, e partirei logo a entender-me com o coronel Silvério, pintar-lhe a situação do país e convidá-lo a metermos o ombro à empresa. Seus filhos, principalmente o comendador, podem fazer muito, e vinte e dois colégios teremos a flux. (Firmino concerta-se durante esta fala e fecha na gaveta os suspensórios e os versos) Deixa essa papelada por ora e ocupa-te com as eleições, que é causa muito séria. Um candidato deve pensar em colégios e somente respirar votos.

Pompeu — No meu círculo o seu nome está aceito com especial agrado. As suas obras patenteiam os seus sentimentos e a vitória será nossa, senhor Firmino.

Adolfo — Então, o que dizes? Estás doente, contrariado? O que tens? Olha que nestes tempos é preciso cara alegre e fisionomia de Te-Deum com repiques e foguetes.

Firmino — Perdi esta manhã um grande pleito... Morreu um pai de numerosa família, e isto me tem entristecido.

Adolfo — Pois ainda não estás acostumado a esses revezes?

Firmino — Nem nunca me acostumarei. Sou médico, lastimo as derrotas da ciência.

Pompeu — Pois o meu vizinho litopata não é assim. Acaba de ver expirar um doente e vai logo para um jantar ou para o teatro, e o mais é que é faceto de muito espírito. Nada compunge aquele coração.

Firmino — Pois eu não sou assim.

Pompeu — E manda logo no outro dia a conta à casa. Há de ficar rico, sabe o nome aos bois. Prometeu-me uma boa soma de votos. Quis mascar um pouco com o seu nome, mas eu lhe disse que o senhor doutor era um grande partidista da liberdade

das ciências e de uma generosidade fora do comum. Ainda ontem mandou ele citar uma viúva e disse-me que se lhe não pagar as visitas já e já, há de lhe fazer penhora nos móveis da casa.

Firmino — Não nasci para ter escritório de enterros; não posso ajustar mortalhas com viúvas desgrenhadas e filhos inconsoláveis. Paga-me quem quer, ou quem pode. Sou médico, tenho obrigação de curar os pobres.

Adolfo — Deixemos isso. Estás contente, estás satisfeito com as novas?

Firmino — Sim, senhor.

Pompeu — Seria bom que o senhor doutor escrevesse, nas horas vagas, um longo artigo. Não ofendo a sua modéstia, porque isto é natural em quase todos os candidatos que podem escrever dizendo alguma coisa mais sobre a sua pessoa, as suas obras e mesmo realçando os seus talentos.

Firmino — Assim tenho escrito para um país onde pouco se escreve. As minhas obras pintam o meu caráter, manifestam as minhas idéias e minhas tendências. A minha política é a da conservação do que está e o seu aperfeiçoamento. Nunca seguirei a senda do ciganismo e não nasci debaixo do malhete de um leilão. Tenho meu preço fixo, desejo ardentemente servir a minha pátria e minhas ambições não passam de ver realizados certos progressos materiais.

Adolfo — Pois não falaremos mais nisso. Vamos trabalhar, senhor Pompeu, meu sobrinho é de nova têmpera.

Pompeu — Mas é necessário amoldar-se ao século em que vivemos.

Firmino — Os séculos não se fazem por si, não são obra do acaso. Pertence sua direção, quase sua confecção, aos idealistas. O exemplo de virtudes gera virtudes, assim como a corrupção gera a corrupção. Sejam os apóstolos desta gloriosa seita e não nos importemos com o martírio. A palma do triunfo está nos céus e nas bênçãos da posteridade.

Pompeu — Tudo isso é muito bonito para a posteridade e para os céus, mas cá na terra é necessário cavar de enxada e preparar o terreno. Quem aspira a entrar para a urna eleitoral deve saber viver, e não preferir sempre o ar do dia ao da noite. Também refresca, meu rico senhor. Os atalhos, inda que às vezes escabrosos, conduzem sempre com mais prontidão ao ponto, e este mar de eleições tem às vezes suas ressacas, que esbandalham a igreja. A urna eleitoral é de ouro, e nada se deve fazer para desampará-la, porque os votinhos não caem do céu.

Firmino — Eu não vou contra a maior parte das suas máximas, já que elas são aceitas pelos homens, mas repugno a um manejo que vai de encontro ao meu caráter e aos meus princípios. A urna eleitoral, obtida assim, já não é um padrão de glória, mas uma urna funérea, aonde se encerram as cinzas do amor da pátria e da honra individual.

Adolfo — Está bom, adeus. Estás muito fúnebre.

Pompeu — Conserve o seu caráter. Essa sua independência também abre uma carreira lucrosa.

Firmino — Meus senhores, eu estou hoje muito melancólico. Obrigado por tantos favores. Às suas ordens.

CENA XI

Firmino

Firmino — Bem disse um político que o homem de estado deve ter cabeça e não coração. A posteridade é as mais das vezes injusta para com os homens sensíveis.

Ela só requer fatos estrondosos, anais de pedra e cal, e inteiro esquecimento do mundo interno do coração. Só pertence aos poetas transmiti-lo em suas obras! E o que é a vida de homem pacífico no meio da vida turbulenta da humanidade? Um suspiro no meio de uma celeuma, uma lágrima derramada no oceano, um sopro lançado às nuvens! Quimera... Não posso resistir, é-me preciso fugir, e fugir depressa.

CENA XII

Firmino, Antônio e Dona Clara

Antônio — Meu amigo, tanto eu como tua tia forcejamos para decidi-la a partir esta madrugada... Ela pede mais três dias de cidade, e meu irmão não pode esperar: quer assistir à primeira moagem. Hoje devem começar o primeiro corte de cana e o novo engenho do Roca d'Ouro tem de ser bento, e tu sabes que Adolfo não é homem que pactue com circunstâncias fortuitas para abandonar seus máximos deveres.

Firmino — Tenha-se tudo pronto. Quando chegar a hora da partida, não resiste, e eu irei com ela muito além da Pavuna.

Antônio — Muito estimo, não só por ela como por Arnaud, que, segundo me disse o meu guarda-livros, levou toda a noite a passear no seu quarto, chorou e hoje está mais que sombrio. Pobre rapaz! Vê alongar-se o dia do seu consórcio.

Dona Clara — Do que serve chegar um navio da Índia, vender-se toda a carga e ficarem cinquenta contos livres de despesa?

Firmino — Muitos parabéns, meu tio.

Antônio — Isto é nada quando se trata da prosperidade moral. Do que me serve uma firma que vale milhões, se não tenho prazer? Bem sei que meus filhos não mendigarão, mas esta fortuna quero-a dividir também contigo e Arnaud. Contigo, porque és meu filho, com Arnaud porque me tem, de alguma sorte, ajudado a ganhá-la.

Firmino — Meu tio, já vos devo a maior das fortunas: a minha profissão.

Dona Clara — Isto que teu tio diz é o que eu sinto igualmente.

Firmino — Mas voltando a Angélica... É melhor não contrariá-la e deixá-la esperar os três dias.

Antônio — E teu tio que não espera...

Dona Clara — A ser assim, vou eu e Gustavo acompanhá-la.

Antônio — E o que faz esse rapaz, que ainda hoje o não vi? Anda pelos tais deboches de bom-tom? Bailes, passeios, ócio, despesas, como poderá ser ele um homem? Estou já cansado e já fiz um plano. Tomara que o tempo chegue, porque hei de dar um exemplo às famílias e mostrar que, se meu filho é mau, é porque Deus o quer. Não compreendo um moço que vive a podar as barbas como se fosse uma parreira, nem que uma casa prospere quando o dono só pensa em modas, gavotas e minuets modernos. Fui rapaz, meu pai era bastante severo, mandou-me ensinar a dançar, um pouco de música, duas línguas para o comércio, mas nunca fiz vida de morcego. Nada, hei de cortar isto de repente.

Firmino — Com prudência, meu tio. O tempo é ouro e não devemos desprezá-lo. Minha tia, apronte tudo para a viagem, porque eu prevenirei pela minha parte o que devo. Na fazenda está o doutor Anselmo, a quem escreverei uma longa carta, marcando-lhe o tratamento que sigo, e ele o continuará durante o tempo da minha viagem. Fomos colegas.

Dona Clara — Essa é de um dia.

Firmino — É outra. Quero ir a Santa Catarina por este primeiro vapor. Tenho que acabar um tratado sobre várias plantas, quero ver as minas de carvão e...

Dona Clara — E o vosso casamento?!

Firmino — Logo que me case com a... Sua filha... Perco uma grande parte da minha liberdade, e tinha dado palavra de acabar a obra antes de me casar. Demais, a saúde de Angélica carece de tempo e ainda temos que esperar.

Antônio — Bravíssimo, disseste como um nobre negociante. A tua palavra é tudo. Quero dois felizes no mesmo dia, isto é, quero três, porque hei de remoçar vinte anos.

Dona Clara — E eu nada sou neste mundo, nem suas filhas?

Antônio — Pelos homens respondo eu, pelas senhoras responda a minha bela e incomparável esposa.

Dona Clara — Não se ponha com essas graças.

Antônio — Disseste bem, o tempo é ouro. Apronta-te para as viagens, vê o dinheiro [de] que precisas, pede-o a Arnaud. Eu contigo não tenho contas nem cerimônias. As tuas encomendas de ferros e livros já foram para a Europa, e espero não me recuses uma carta de ordens para Santa Catarina. É sempre bom.

Firmino — Obrigadíssimo. Como médico, sempre ganho para as despesas da viagem.

Antônio — Bravíssimo. Aproveitar as circunstâncias, tirar um partido honroso delas. Enquanto à eleição, tudo vai bem. Assim fosse o país inteiro. Vejo tudo muito sombrio e carregado.

Dona Clara — Pois ainda mais livros e ferros?

Firmino — Os ferros gastam-se e quebram-se no exercício, e uma biblioteca nunca se farta de livros.

Antônio — Firmino tem que fazer. Vamos, senhora.

CENA XIII

Firmino

Firmino — Bom homem, tipo da integridade. Algarismos no seu comércio e coração no centro de seus amigos. Assim era meu pai... Meu bom pai. Um dia o tornarei a ver. (Vai para a biblioteca) Humboldt, sim; Cuvier e Richard também; não me esqueça Berzelius e Raspail. O menos possível, para não aumentar a carga. A minha caixa de reagentes com seus instrumentos... Venham também o pai da mineralogia, e já agora mais este tratado de geologia. Vamos ler algumas páginas vivas da epopéia da criação. Que horrível situação a minha! Não, este passo não é uma ingratidão, é um mal menor que outro mal. (Ouve dentro preludir uma harpa e cantar as quadrinhas que Angélica escrevera) Aquela voz é a de Angélica?! Ainda desconhecia mais este novo suplício! Valladolid e Goa não o desprezariam, se o conhecessem como eu. (Pega no chapéu)

CENA XIV

Firmino e Gustavo

Gustavo (Sem ver Firmino) — É o demônio que me persegue; tudo perdi e não... É o demônio que me tenta...

Firmino (Olhando para Gustavo) — Este ao menos cava a sua ruína. Eis a imagem do remorso, eis o estriamento do criminoso público.

Gustavo — Viva, meu primo. Como lhe vai de eleições?

Firmino — Otimamente.

Gustavo — Já trabalhei como um escravo de mouro, e agradeça-me, que tenho tudo em ordem.

Firmino — Obrigadíssimo.

Gustavo — Eu quero ir com o senhor para Santa Catarina. É terra de belas moças, que têm um feitiço fisionômico, uns olhos de gancho, capazes de devorar um homem. Eu ouvi toda a sua conversa.

Firmino — Não precisa ir fora daqui para encontrar isso. Olhos, mãos e pés não se encontram mais belos que os das brasileiras.

Gustavo — Pode ser, mas o senhor não é dos melhores juízes. Primo, leve-me em sua companhia.

Firmino — Eu vou andar pelos sertões e curtir fomes e frios.

Gustavo — Eu levarei pólvora para caçar no mato.

Firmino — Olhe que eu não vou dançar, percebe? E veja lá se tem coragem para abandonar as delícias da corte.

Gustavo — Tenho toda, isto é uma resolução imutável. Tenho razões sagradas, quero mudar de vida, quero abandonar o meu círculo de amigos por algum tempo e tornar-me independente.

Firmino — E o seu intento diplomático?

Gustavo — Para Paris é impossível. São trinta cães a um osso e, demais, dizem-me que há muito trabalho na legação.

Firmino — Foi o vosso protetor que vos deu essa nova?

Gustavo — Foi o Guilherme do armarinho, e aquele velho Tibúrcio, que mora naquela espelunca da rua do Carmo. Sabem de tudo quanto se passa dentro e fora do império.

Firmino — Anda a nossa diplomacia e os negócios do mundo por linhas e teias de aranhas?! Bom, e quem me afiança o seu bom comportamento? Quem me assegura que não hei de ter grandes desgostos?

Gustavo — Eu. Tenho olhado para os vossos conselhos como para os de um pai. Tenho seguido à risca as máximas de vossa moral, e...

Firmino — As máximas da minha moral?!

Gustavo — Sim, senhor, e o que tem a dizer contra? O que tem a exprobrar-me?

Firmino — Olhe que por lá não há certas casas, nem as árvores destilam o suco de certas garrafas.

Gustavo — Bem sei, mas eu quero emendar o passado, quero mudar de vida. Estou muito cansado.

Firmino — Isso é obra do momento.

Gustavo — Quero fugir de uma paixão que me mata, de um cancro que me devora. Vou pedir dinheiro a meu pai e quero ir em sua companhia.

Firmino — Não precisa, ele dá-me uma carta de ordens. Demais, a minha bolsa não tem sido sempre vossa?

Gustavo — É verdade, mas nesta ocasião preciso de dinheiro. Uma viagem não é um passeio. Não sabe, primo? O sapateiro negou-me o botão de brilhantes. Ameacei-o de chamá-lo ao juiz de paz, e ele teima em negar, de maneira que nada disse a minha mãe, porque ela há de ficar muito zangada. Deu-mo no dia de seus anos, e tinha a minha firma.

Firmino — A vossa viagem é tão verdade como a história do botão.

Gustavo — Juro-lhe por nossa amizade e sangue que o botão...

Firmino — Aqui o tem. (Tira da algibeira o botão)

Gustavo (Disfarçando) — Dê cá, dê cá, é ele mesmo. O maldito já o tinha vendido ou empenhado por aí?

Firmino — Empenhado estava.

Gustavo (Gritando) — Hei de lhe quebrar as ventas.

Firmino (Olhando para Gustavo fixamente) — Vós dissestes que uma paixão vos mata e que um cancro vos devora?

Firmino — Da paixão do jogo, do cancro das orgias!

Gustavo — O senhor me insulta em minha casa?

Firmino — Basta de hipocrisia... Sabeis vós o que é o jogo, o que são as orgias? A porta do calabouço que mostra o caminho do cadafalso.

Gustavo — Eu nunca joguei, não seja caluniador.

Firmino — Lembra-se daquele desgraçado que se suicidou? Pois eu fui chamado para vê-lo e, passando pela segunda sala, vos vi parando numa roleta... Essa roleta onde se evaporam as esmolas das viúvas e das órfãs.

Gustavo — Isso é mentira.

Firmino — Mentira e calúnia, desgraçado?! Aqui está o recibo de oitenta mil-réis, valor por que foi empenhado esse alfinete ao dono da casa do jogo! Vosmecê conhece muito a letra dele...

Gustavo — Dê cá esse papel.

Firmino — Não dou.

Gustavo — Pois há de dar por força. (Tira um punhal) Dê cá esse papel, se não...

Firmino — Se não o quê? Ingrato, doido... (Gustavo fica tremendo, avança para Firmino, quer feri-lo com uma mão e tirar-lhe o recibo com a outra. Firmino segura-lhe no braço, lutam e arranca-lhe o punhal, atirando com ele de encontro a uma banca, que cai e faz um grande estrondo) Envergonha-te, louco, fraco, covarde. (Gustavo foge)

CENA XV

Firmino, Gustavo, Dona Clara, Angélica e Cândida

Dona Clara — O que é isto, meu Deus? Que barulho é este? O que fez aqui aquele doido?

Firmino — Não foi nada, minha tia.

Angélica — Um punhal no chão?!

Dona Clara — O que é isto, Firmino?

Cândida — O primo está ferido!

Angélica — Que horror, meu Deus!!!... Gustavo...

Dona Clara — Que vejo?!... Ó mãe desgraçada!!!

Fim do terceiro ato

QUARTO ATO

Vêm-se no gabinete de Firmino os baús e malas de viagem, livros no chão, uma grande lata cilíndrica, o estojo de ferros e um saco de tapete. A mesa limpa de papéis, tudo anunciando viagem.

CENA I

Dona Clara e Cândida

Cândida (Com uma bandeja de roupa engomada) — Aonde botarei, minha mãe?

Dona Clara — Aqui encima desta mesa. Está esta casa como num dia de mudança. Não se vêem senão baús pelo meio da casa. Aquela terrível ação do Gustavo tem apressado Firmino de tal maneira que não dormiu, e assim mesmo, com o braço doente, trabalhou toda a noite. Eu creio que ele não tinha tenção de o ferir.

Cândida — Também eu. Foi uma coisa tão repentina! Firmino não diz nada, Gustavo fugiu na besta do pajem de meu tio Adolfo, que estava na porta, meu pai ainda não veio, de maneira que nada sabemos.

Dona Clara — Não importa. É uma ação negra a de Gustavo, e não lhe vejo motivo nenhum.

Cândida — Como vai ficar esta casa triste! Nós vamos para a roça com Angélica, Firmino teima e mais que teima em embarcar. Olhe, minha mãe, se não fosse ter vivido aqui com este meu primo, e estar isto já sabido em casa, não me casava com ele.

Dona Clara — Que estás dizendo, menina?!

Cândida — Homem com vontade de ferro, que não muda ainda mesmo doente! Ao menos o mano Gustavo não é assim. Nos momentos de bom humor cede a tudo, principalmente se a gente lhe diz que ele é bonito. Faz tudo quanto se lhe pede. Minha mãe, vamos ao menos a este último baile dos estrangeiros, somente por despedida.

Dona Clara — Não tens pejo de pensar assim? Não vês como estamos todos, como está esta casa?!

Cândida — É porque tenho medo (de) que este meu vestido de seda da Índia fique mofado, ou que mude a moda durante o tempo (em) que estivermos na roça. Meu Deus, que vida triste vou eu passar, e lá então! De noite só se ouvem os grilos e sapos, tudo está calado, e bom é ainda que meu tio me dispensa de rezar o terço.

Dona Clara — Sinto-me velha, sinto definhar-se-me a existência, como se uma lanceta me rasgasse as veias. E no meio de tantas tribulações, no meio de tantas dores, sou obrigada a ouvir os teus disparates, essa tua falta de sensibilidade. O que Deus deu demais a tua irmã, podia dar-te a ti.

Cândida — Deus me livre de ter o gênio dela, andar triste por qualquer coisa e nunca ajuntar um vintém!...

Dona Clara — Vamos arranjar o que é nosso, porque o que não for, havemos de passar sem ele.

CENA II

Firmino, Dona Clara e Cândida

Dona Clara — Então, como estás, Firmino? Vais melhor do teu braço? Meu filho... desculpa aquele louco. São rapaziadas, são os maus conselhos de uma certa roda com quem anda metido. Mas como começou esta coisa, que eu nada entendo?

Firmino — Não é nada, minha tia. A ferida não foi profunda. Ficarei uns quinze dias privado de certos usos do braço, mas na viagem cobrarei o perdido. O ar é puro e sadio. Já falei ao doutor Anselmo para vir substituir-me em minha ausência. É um grande práctico, um homem que faria honra à medicina em qualquer parte do mundo.

Cândida — Aquele jarreta, que parece um velho quando vai aos bailes?

Firmino — O hábito não faz o monge. Não segue a moda dos alfaiates, mas segue a dos filósofos; não anda corrente com os cabeleireiros, mas anda em dia com a ciência. É dos que lêem tudo quanto se escreve hoje e dos que não desprezam os livros de letra vermelha.

Cândida — Ele mesmo parece um alfarrábio.

Firmino — Não há alfarrábio mais velho que a natureza, e, no entanto, todos os dias ela nos descobre coisas novas. Assim são os velhos mestres, e com uma única diferença: que dizem muito em poucas palavras.

Dona Clara — Aquele homem tem um ar sério, uma fisionomia de quem anda sempre ocupado. Já tenho ouvido falar muito bem dele, e dizem que escrevera na França.

Firmino — Uma obra que o imortalizou.

Dona Clara — E aqui tem ele escrito alguma coisa?

Firmino — Muitíssimo, e é num grande livro onde lança todas as suas receitas e despesas. Por mais talentos que tenha um homem, não pode escrever sobre aturados estudos quando tem vinte e duas bocas em casa e é obrigado a estar na rua todas as horas do dia.

Dona Clara — Não estejas tão sério, Firmino, porque isso me entristece, e não venhas aumentar mais as minhas aflições. Perdoa, perdoa, por quem és, pelo amor e amizade que te temos, aquela doidice de Gustavo. Teu tio está inconsolável. Saiu e ainda não voltou.

Firmino — Nem disso me quero lembrar, é uma coisa passageira. Tenho outras idéias que me perseguem. Há dias aziagos, há dias em que a fivela do cilício dos maus pressentimentos aperta o coração e parece que uma mão do inferno se levanta para esmagar o homem. Estou triste, não sei por quê... Tenho necessidade de ar, de sair, de afastar-me do mundo por algum tempo... Preciso de repouso.

Cândida — Tudo isso são saudades encapadas.

Dona Clara — E por que, meu filho? Tu sabes que eu sou tua amiga.

Firmino — Aí vem meu tio, quero fugir da sua presença.

Dona Clara — Não, senhor; mando que fique.

CENA III

Firmino, Antônio, Dona Clara e Cândida

Antônio — Estou suando em bicas. Gustavo foi para a chácara, e assim que soube que eu lá ia fugiu e meteu-se pelo mato dentro. Mandeí-o chamar e não o acharam. Creio que o rapaz ficou intimidado e veio-me com esta mentira.

Dona Clara — E o feitor, o que disse?

Antônio — Oh, doutor, como está? Não faça caso daquele doido, que eu o vingarei. O feitor disse-me que chegara muito agitado, que escrevera esta carta e mais outra que não tinha acabado, a qual estava toda rasgada.

Dona Clara — E depois?

Antônio — Depois cheguei eu.

Dona Clara — Aonde está a carta, e para quem é?

Antônio — Aqui a tem, doutor. Eu não abro cartas alheias. Vejamos o que diz esse doido.

Dona Clara — Há de lhe pedir perdão.

Firmino — Guardai-a, senhor; eu não aceito.

Antônio — Se ela me não pertence...

Firmino — Já sei o que ela diz: ou uma declamação estulta, algumas vociferações, ou pede desculpa do atentado e revela um segredo que só ele e eu sabemos.

Antônio — Mais um motivo para eu não abri-la.

Dona Clara — Pois eu abro-a, dê cá.

Antônio — Não, senhora. Uma carta é sagrada. Só podem abri-la ou o dono, ou o seu procurador autorizado por ele.

Firmino — Pois sejais vós, meu tio, o meu procurador.

Dona Clara — E agora?

Antônio — Estou ainda muito agitado. Tenho de ir ao escritório, tenho de pensar em coisas que demandam muito sossego e não quero mais agitar-me. Guardo-a para depois.

Dona Clara — Como se pode guardar na algibeira uma carta destas?

Antônio — Não vamos a perder tempo. A condução está pronta, as senhoras arranjam o que é seu, porque Firmino deve voltar e a barca do sul sai nestes três dias.

Dona Clara — Vamos, vamos, Cândida. E o senhor, só logo depois dos seus negócios é que há de abrir essa carta?

Antônio — Sim, senhora, e do conteúdo a farei ciente. Anda, vai trabalhar.

CENA IV

Firmino e Dona Clara

Dona Clara — Que segredo é o que contém aquela carta? Ou é uma desculpa que inventaste para com teu tio?

Firmino — Se ele o não escreveu, não devo dizê-lo. Talvez nela venha o uso de todos os vaidosos, que nunca reconhecem os seus erros e situam a causa principal fora da questão.

Dona Clara — Tanto um como o outro são fechaduras de patente.

CENA V

Firmino

Firmino — Ainda três dias de martírio, ainda três dias de espera. Sinto-me acabrunhado, a atmosfera me comprime, não posso respirar. Sinto a toga de Satanás pesar-me sobre os membros e todos os suplícios de Dante, quando penso na minha horrível situação. Em vão me debato contra as ataduras que me cingem... Como um vil escravo, sinto a existência arrastar-se! Uma poeira sulfúrica me resseca os lábios... Quão perto do riso está a lágrima, quão perto da vida existe a morte! Fatalidade maldita! Como, como poderei nutrir um fogo sagrado com lágrimas de sangue? O amor se despertou em minha alma como uma febre perniciosa. Esse astro que brilha nos céus e se reflete no inferno, esse néctar que embriaga o olfato e envenena o paladar... Esse raio que me alumina e me despedaça... Semelhante ao trovão da madrugada, com estampido horrendo sobressalteou minha alma, roubou-lhe o sono angélico da paz e, do trono do heroísmo, me precipitou no pavimento da infâmia, aonde me debato como um cão envenenado! Miserável Angélica... Miserável de mim! Ambos entoamos o hino da desgraça na hora do nascimento, e hoje entoamos a nossa nênia de morte. Ambos inocentes e ambos condenados a um castigo eterno. Decerto que este mundo é para os maus... Para os insensíveis. Miserável daquele a quem a natureza estampou na fronte o nobre selo do engenho e da grandeza d'alma! Miserável daquele a quem o anjo da virtude insuflou no peito o ósculo sagrado, e que o não limpou com a primeira lágrima da vida, e que o não repeliu como um demônio empestado... Doce Angélica, brilhante sílfide, cujos pés mimosos espalham o perfume da virtude. Anjo de bondade, que se libra entre os aromas mais puros que há nos céus. Harpa do santuário, que infunde amor e veneração com sua sagrada melodia... Não, Deus não há de permitir esta infernal

anomalia. O astro da virtude tem seu centro no meio dos céus e sua órbita de amor se há de completar, ainda que seja na escuridão da eternidade.

CENA VI

Firmino e Arnaud

Arnaud — Doutor, meu amigo velho, que tem que está tão triste? **Firmino** — Não tenho nada. Vós por aqui é novidade!

Arnaud — Nenhuma. Vinha visitar-vos e entregar-vos esta carta de ordens que meu amo vos manda.

Firmino — E aonde está ele agora?

Arnaud — No escritório. Já que vos acho tão sério, e que não podemos brincar como de ordinário, nem nos lembrarmos da França.

Firmino — Bastante me tenho lembrado hoje dela.

Arnaud — E eu, meu amigo, não vivo agora. Tenho umas saudades que me fazem doido, estou como uma fera a quem roubaram os filhos. Eu morro se não volto já; não sabia que as saudades da pátria podiam tanto sobre o homem.

Firmino — É o que nós chamamos nostalgia. Tem conseqüências funestas.

Arnaud — Neste caso, meu amigo do coração, ajude-me a fazer um dos maiores sacrifícios que posso fazer. Salve a minha vida, porque eu morro se fico mais um mês no Brasil. Estes calores me matam, o trabalho da casa de seu tio é muito grande e, apesar de toda a minha amizade e gratidão, de todos os respeitos que devo à vossa ilustre família, não quero morrer aqui. Quero que meus ossos descansem em terra de França.

Firmino — Louvo muito vossos patrióticos sentimentos, mas reprovo uma ação, apesar de não ter ampla explicação, que é o esquecimento total de minha prima Angélica, a quem vós mesmo pedistes a mão de esposa.

Arnaud — Ah, meu Deus, como sou desgraçado! Até o maior dos meus amigos, o meu segundo pai, me condena e não quer compreender meu coração inocente.

Firmino — Se sois inocente e homem de honra, nunca podereis deslustrar o nobre sangue de vossos maiores, nem praticar ações que desmintam o filho de um marechal, de um cavalheiro francês.

Arnaud — Mas é isso mesmo. É uma ação heróica a que vos quero propor, e pedir-vos que me ajudeis, se não, eu morro. Dizei-me sinceramente se sois meu amigo, se desejaís a minha felicidade.

Firmino — Creio que até hoje em nada me tenho desmentido.

Arnaud — Pois, se sois meu amigo, por que não me ajudais? Eu contava com o vosso amparo, olhava para vós como o único lenitivo à minha dor, e queria que partisse de vossa mão o bálsamo sagrado para as chagas de um coração que não pode mais viver nesta terra.

Firmino — E Angélica?

Arnaud — Não falemos de Angélica, que é bela, rica, prendada e a quem não faltarão adoradores, e seus compatriotas. Tratemos de um desgraçado... Doutor... por quem sois, valei-me, eu não posso mais viver assim.

Firmino — Arnaud!

Arnaud — Meu amigo!

Firmino — Deixemo-nos de subterfúgios, deixemo-nos de hipocrisias.

Arnaud — Subterfúgios convosco, meu amigo! Arnaud hipócrita, eu! Eu, que tenho sido até agora o símbolo da franqueza e trago nos lábios o retrato do coração!

Firmino — A revolução da França vos abre uma nova carreira. A queda de vossos inimigos vos facilita a reconquista de uma glória perdida. Todos os laços antigos, todas as prisões do coração estão quebradas pela ambição. Eis o que leio nas vossas palavras, eis o que denuncia o vosso coração.

Arnaud — Que justiça, meu amigo! Que sugestões funestas a uma alma tranqüila. Todo esse aparato não cabe no meu peito. Dizei antes que me não quereis valer, que me abandonais a mais cruel desventura e respondi, como um verdadeiro amigo: “Não te quero ajudar, Arnaud, não quero promover a tua felicidade, não te quero salvar desse abismo horrível.”

Firmino — Pois dizei o que quereis, mas sem refolhos.

Arnaud — Eu não tenho refolhos, meu amigo. Queria que pedísseis com muita instância a vosso tio que me desligasse de uma promessa irrefletida, que me despedisse de sua casa, que me maltratasse mesmo. É um grande obséquio, é a minha salvação. Dou-vos licença para falardes mal de mim, dizei o que vos parecer. A tudo me submeto, tudo aceito como favor, porque quero-me ir embora.

Firmino — Arnaud, o homem que me propõe semelhante manejo não deve ter medo de ir a meu tio e dizer-lhe: “Senhor Antônio, meu amo, eu rompo o contrato, não posso mais casar com sua filha, tenho outras ambições, quero voltar à minha pátria...” Isto é menos infame, é muito mais heróico do que a vossa proposição. Arnaud, riscai-me do livro de vossos amigos eternamente e deixai-me em paz. Se tendes ambições, desde já vos profetizo uma derrota completa. Não é num país nobre por tantos títulos, por tantos séculos de glória, que se faz carreira com uma alma como a vossa. Esse povo heróico, esse gigante que se levantou em massa e derribou do trono o cetro do fanatismo vos repudia como um filho espúrio, como um empestado sem esperança de vida.

Arnaud (À parte) — Quem te dera mil punhais! (Para Firmino) Que injustiça, meu amigo! Enfim... Não tenho amparo sobre a terra. Doutor, o meu cavalheirismo, a minha incomparável gratidão me faz(em) calar. Tudo sofrerei, porque a gratidão pode mais que tudo.

Firmino — Vá a meu tio.

Arnaud — Já tive uma pequena explicação com ele, que nada temesse, que... enfim, eu me casaria, e mais outras coisas. Mas eu não me abri com ele. Desejava que tudo partisse da vossa mão, como mais seguro e mais pronto.

Firmino — Não vejo claro. Este vosso manejo me oculta alguma ação infame. Arnaud, eu leio em vossos olhos uma traição qualquer. Na ordem natural sois uma anomalia.

CENA VII

Firmino, Arnaud e Antônio

Arnaud — O respeito e a gratidão unicamente me fazem calar. Bastantes provas tenho dado do meu cavalheirismo! (Quer ir-se)

Antônio — Esperai, Arnaud.

Arnaud — Tenho de mandar apresentar aquelas letras, e eu mesmo queria ir descontar aqueles bilhetes do Tesouro.

Antônio — Já providenciei tudo. Não há crime mais horrível do que a ingratidão!... Dizei-me uma coisa, Firmino, que castigo merece um homem que atropela todos os seus mais sagrados deveres, que com a mais refinada hipocrisia engana os anjos e lança no seio de uma família a desconfiança, a desunião e quase que a desonra?

Arnaud — Senhor Firmino, que boa ocasião! Lance tudo para cima de mim...

Firmino — O desprezo, e entregá-lo aos seus remorsos.

Antônio — E quando seu coração se acha já tão empedernido, tão insensível que não sente a voz da natureza e despreza todos os dogmas da moral eterna?...

Firmino — É preciso puni-lo.

Antônio — Mas que punição pode dar um pai de família, um homem honrado, conhecido de todo o mundo e que sabe perfeitamente que a menor publicidade das cenas do sacrário doméstico redundará em seu desabono, em sua própria desonra?! Dizei-me que castigo merece o falso e traiçoeiro ladrão, que vem roubar a paz, a honra e a vida de uma família honesta, que sabe perfeitamente, por já tê-lo calculado, que os pais são obrigados a gemer em silêncio, que ao esposo é necessário lançar tais crimes num sumidouro, viver com alegria emprestada no semblante, chorar dentro de sua casa sobre as ruínas de sua honra, de sua felicidade, e tragar dia e noite num cálix de amargura eterna?!

Firmino — Quem com ferro fere com ferro é ferido. Aquele que nos quer roubar a paz, que nos traiçoa covardemente... É um homem inútil no mundo. Uma traição paga-se com outra. A felicidade é a vida.

Antônio — Eu não sou nenhum assassino. (Espanto de Firmino. Pausa)

Firmino — Que escuto! Mas o que é isso, meu tio? Que desgraça é essa? Quem ousa à luz do dia desonrar-vos? Dizei-me se há mais alguém... O vosso sangue é o meu, a vossa família é a minha e o meu braço sabe vingar afrontas... Talvez... Entre nós esteja...

Antônio — O novo Judas... um outro Judas capaz de vender o divino mestre. (Levanta-se, lança uns olhos coléricos sobre Firmino, vai para Arnaud e aperta-lhe a mão com efusão de amigo)

Arnaud (Com muita humildade e baixo para Antônio) — Senhor, vós me prometestes segredo. Vossa palavra de honra não pode divulgar um segredo que ele, Gustavo e eu só sabemos neste mundo.

Antônio — E como desmascarar a impostura? Como rasgar o manto da hipocrisia? Ah!... Um segredo... Um segredo... Agora me lembra... (Tira a carta da algibeira)

Arnaud — Por piedade, senhor, por piedade... Eu faço o maior de todos os sacrifícios do mundo, deponho a minha amizade, a minha gratidão. Enterro eu mesmo o punhal no meu coração. Fujo... Fujo, senhor, e deixo a vossa casa em paz... Deixai-me fugir... E nunca mais, nunca mais... Perturbar com a minha presença... Sejam todos felizes... Seja eu só o infeliz...

CENA VIII

Firmino, Antônio, Arnaud e Dona Clara

Antônio — Aqui está o desfecho do nó górdio, a espada de Alexandre e a luz do inferno que vai tudo esclarecer. (Lê a carta para si, olha furioso para Firmino e fica como uma estátua olhando para o chão)

Dona Clara — Esta casa parece que está mal-assombrada. Vejo todas as fisionomias como num funeral. O que é isto, senhor Antônio? O que é isto, Firmino? Acaso Gustavo... Meu Deus, eu perco a cabeça... O que é que há? Digam, pelo amor de Deus. O coração me bate e parece que quer saltar fora do peito.

Antônio — É o inferno que se abriu para tragar-me na velhice... Fui eu mesmo que nutri a serpente que me havia de envenenar... Fui eu mesmo que levantei o muro que me havia de esmagar... E o que preparou esse vaso de infâmia que me havia de

tingir as cãs e que há de derramar o resto na minha sepultura. (Para Firmino) Lede esta carta.

Arnaud — Senhor, eu devo parecer muito culpado aos vossos olhos, aos olhos de todo o mundo. O ferro que me lanha o coração abre feridas profundíssimas. Não as posso mostrar todas à face do dia, deixai-me fugir, regressar para a minha pátria... A duas mil léguas de distância, não posso perturbar a felicidade de ninguém... (Baixo a Antônio) A vossa palavra de honra é sagrada. Eu conto com ela, e não me comprometa...

Antônio — Gemer em silêncio é gemer no inferno.

Dona Clara — Acabe-se com isto!!

Firmino (Depois de ter lido a carta com sangue frio) — Minha tia, chame Angélica e Cândida. Esta carta supre Gustavo. Nas grandes crises do coração só há um tribunal, e é o conselho de família. Reunidos todos, a verdade há de aparecer.

Dona Clara — Já (Chega à porta) Angélica, Cândida... Olá... Chamem minhas filhas. (Grande silêncio)

CENA IX

Firmino, Antônio, Arnaud, Dona Clara, Angélica e Cândida

Dona Clara — Aqui estamos todos. Senhor Antônio, pertence-lhe, como chefe da família, esta inquirição.

Firmino — Aqui tem a carta de Gustavo.

Antônio — Arnaud, meu amigo, lede esta carta... e tende pena de mim.

Arnaud (Depois de ler) — Está rompido o segredo, senhor Antônio, esta carta de seu nobre filho e meu amigo veio aclarar tudo. Eu seria um homem sem... Não quero ofender a quem tanto devo... Sou cavalheiro. O meu contrato de casamento com a senhora dona Angélica está roto, e um homem de bem não tem outro partido que tomar senão o de ausentar-se eternamente. Meus benfeitores e amigos parto para a França no primeiro paquete. (Quer ir-se)

Angélica (Sai-lhe ao encontro e tira-lhe a carta da mão) — Esperai, senhor, que um contrato não se rompe sem o consentimento de ambas as partes.

Antônio (Para Arnaud) — Homem de honra, a vossa memória será eterna no meu coração. Antônio José da Silva não é capaz de deixar um amigo lutar com a miséria... O meu braço, o braço de um amigo lá encontrareis na pátria. É quase uma restituição que vos faço. Vós me ajudastes a ganhá-lo; pois bem, participai dele. O pão do amigo, do verdadeiro e honrado amigo, é também dos seus fiéis amigos.

Angélica — Senhor Arnaud, que motivo vos impele a desprezar a minha mão?

Arnaud — Eu nunca disse uma palavra contra Vossa Senhoria, antes sempre a respeitei muitíssimo e nunca pude crer...

Angélica — Acreditar o quê!? Que motivo tendes para romper este contrato?

Arnaud — Esta carta... Eu não quero dizer nem supor mal, porém... Se meus olhos me não enganam, Vossa Senhoria não sente simpatia por mim, e demais... Coisas que tenho observado... Tenho chorado muito, muito me tenho apaixonado... Mas esta carta?

Angélica — Esta carta nada diz.

Arnaud — Mas diz muito a vossa frialdade para comigo, e mais... E mais... O que está claro nessas palavras do senhor Gustavo...

Antônio — Gustavo, Gustavo, meu nobre filho! A honra palpita em teu peito com todo o vigor da mocidade, com todo o heroísmo de teu pai... Tu não desmentes o nobre sangue dos Silvas e podes aparecer radioso à face do mundo.

Firmino — Senhor, há muito que observo vossa alma pelos vossos gestos. Se me atirais uma seta envenenada por algum traidor por algum hipócrita, lembrai-vos que a natureza não desmente em um só dia a obra de tantos anos.

Antônio — Poupai-me a vossa presença. Há muito que deveríeis estar confundido no meio desta cena lutuosa, de que sois a causa. Ingrato! (Muito alto) Ingrato, mil vezes ingrato... (Grande espanto e grande silêncio)

Dona Clara — Que ouço, meu Deus!

Cândida — O que é que há? O que é isto?!

Angélica (Ajoelhando-se aos pés do pai) — Meu pai, meu pai...

Antônio — Levanta-te, desgraçada.

Dona Clara — O que é isto? O que quer dizer tudo isto?

Angélica (Levantando-se) — Desgraçada! Desgraçada?! Sim eu sou uma desgraçada na terra, uma vítima sem igual... (Caminha para Arnaud) Eis o verdugo de minha vida, o hipócrita maior que há no mundo, o homem mais infame que o inferno vomitou sobre a terra, satanás encarnado. O demônio da imoralidade, o vampiro funesto que urde fatalidades e talha a mortalha de suas vítimas dentro das cavernas do seu coração, que é uma pedra. Desgraçado mundo em que vivemos! O dia em que se descobre um hipócrita é uma dia de festividade nos céus, um dia de triunfo na terra. Mas aqui só eu te conheço, miserável, que assim pagas a minha generosidade e compaixão.

Arnaud — Minha senhora, eu nunca disse nada.

Angélica — E podereis vós dizê-lo?! Amaldiçoado homem! E a terra não se abre para engolir um monstro?!

Arnaud — Vós amais o senhor Firmino, e muito que o amais! Rompa-se tudo. Um cavalheiro como eu, um homem de honra, um homem de sentimentos nobres, não podia tolerar tais cenas e ser arrastado a uma união... Apesar de toda a minha generosidade e gratidão.

Firmino (Atira-lhe com uma luva na face. Arnaud treme, quer segurar na luva e ela cai) — Escolhei as armas, lugar e hora. Não tenho testemunhas.

Antônio — Sim, Arnaud o meu fiel amigo, foi quem me descobriu tudo, foi quem desmascarou o hipócrita e que me mostrou o fio da trama mais infernal que há no mundo: a fugida de Angélica.

Firmino — De vida e de morte! (Para Arnaud) Mandaremos abrir uma sepultura e um de nós ali ficará eternamente.

Arnaud — Aceito, mas não quero abusar da vossa fraqueza. Esperarei que o vosso braço tome vigor, esperarei todo o tempo que for necessário. Sabeis que sou um gentil-homem e que ainda não se extinguiram no meu peito as idéias que recebi e que fazem o meu orgulho. Sei quanto sois destro nas armas, conheço vossa coragem e por isso não quero combater com um braço enfermo e exprobrar-me eternamente uma vitória sem louros e sem honra.

Firmino — Filho de um nobre país, dessa terra clássica de heroísmo e de glória, ainda ousais profanar o nome sagrado de vossa augusta pátria e conspurcá-lo com os andrajos de vossa infâmia? Se a mínima das virtudes de um país clássico de fastos gigantescos, de honra e de cavalheirismo existisse em vossa alma... nunca, nunca procederíeis de tal maneira...

Antônio — Um duelo! Um duelo em minha casa?!

Arnaud — Basta de insultos, senhor Firmino, as nossas armas darão razão. Eu esperarei.

Firmino — Não, não, vós não sois filho de um homem tão grande, de um general a quem a história e o mundo venerará a memória. Vós sois um filho espúrio, o fruto de

um adultério, de um crime... Em vossas veias gira o fogo do inferno em vez de sangue, e o vosso berço não foi embalado pelas virtudes de uma terra clássica... Uma harpia vos amamentou e o gênio de Mafistófeles dirigiu o vosso coração.

Antônio — Silêncio em minha casa.

Dona Clara — Será isto sonho?! Isto não pode ser.

Antônio — É necessário uma vítima à vossa cólera. É necessário que no holocausto de vossa vingança corra o sangue da inocência...

Angélica — Meu pai, meu pai...

Antônio — Poupai-me a vossa presença. Senhora, mande chamar Gustavo, que venha receber nos braços de seu pai o prêmio de seu nobre caráter. E vós, senhor doutor Firmino, tendes vinte e quatro horas para dispor vossa mobília e livros. Este quarto deve, de ora em diante, ser habitado por Gustavo e não quero ninguém de estranho em minha casa.

Dona Clara — Senhor, o que fazeis?! Respeitai a boca do mundo... Firmino... Não alegais uma palavra em vossa defesa! Como uma estátua de mármore contemplais toda esta cena de desgraças e ao menos... Ao menos... Eu não ousa acusar-vos, parece-me tudo isto impossível, não olhais para vosso tio... Tratai de abrandá-lo e de desfazer toda esta urdidura infernal. Meu Deus, que tormentos!

Angélica — Firmino, meu pai, minha irmã, e vós, senhor Arnaud... Que conheceis minha inocência, escutai-me todos. Esta carta de meu irmão, escrita por um alucinado, escrita pela mão que levantou um punhal para o homem mais honrado que há na terra, nada contém contra mim ou contra a minha honra. Eu a leio: "Senhor Firmino; se levantei um punhal para vos ferir foi levado pela justíssima cólera que me abrasava o coração. Vós feristes a minha honra, a de toda a minha família, no ponto mais delicado que pode haver para um ódio eterno. Publicando (vós bem o sabeis...) esse ato de vossa covardia, qual seria o fim de tão negra ação senão a vossa perda? Hipócrita concertado, por um frio cálculo, proseguei vossa carreira, perturbei nossa harmonia, mas envergonhai-vos daquele que vos há de substituir no seio dessa casa, que um dia será chefe para se vingar... e, se sois homem de bem, emendai vosso erro, corriji a vossa obra, não por mim, mas por meu pai que vos educou, por minha mãe que tanto vos estima e, sobretudo, por minha desgraçada irmã. Gustavo." Nesta carta não há nada de claro, nada de positivo.

Antônio — Cala-te, audaciosa, e não venhas mascarar a tua imprudência, o crime de tuas intenções, com uma afetada franqueza.

Cândida (À parte) — Não era debalde que eu tinha minhas suspeitas. Por Firmino meto a mão no fogo, mas ela?...

Firmino — Meu tio e minha tia, meus benfeitores e amigos, eu quero justificar-me. Um coração generoso...

Antônio — Generoso?!

Firmino — Generoso como a amizade, grande como o universo e sensível como a gratidão... (Vai para Antônio e ajoelha-se) É a inocência que se curva a vossos pés. Ouvi-me, por piedade, ouvi o desentrecho de uma trama infernal, contemplai o desmoronamento da obra mais infame que concertara Satanás... (Quer pegar na mão de Antônio; ele recua e aponta para a porta. Angélica corre a abraçar-se com seu pai; ele a empurra)

Antônio — Vinte e quatro horas. Isto é que é ser generoso. (Para Arnaud) Vamos, fiel amigo. Vinte e quatro horas. (Grande silêncio. Angélica corre a abraçar Cândida, esta a repele, e ela lança-se nos braços de dona Clara, que a recebe com ternura, e choram ambas)

CENA X

Firmino, Dona Clara e Angélica

Firmino — Meu pobre tio, como está enganado! Como o monstro lhe soube manietar as mãos e alucinar-lhe a razão!

Dona Clara — Firmino, ao menos desculpai-vos para comigo... Eu te amo tanto!... Acho um não-sei-quê de incompleto neste drama, vejo uma lacuna, um vácuo na marcha do processo de teu tio, uma precipitação que não posso definir! Que mão oculta preparou este enredo terrível e colocou teu tio numa posição tão estranha?!

Angélica — A mão da hipocrisia, minha mãe, que por entre as trevas da noite sabe roubar o veneno das cobras para lançá-lo no coração da inocência. Mas tudo isto se desvanecerá e a verdade há de aparecer luminosa como o sol, pura como a virtude e... E talvez sem remédio para tanto mal. Quando o cadáver de Angélica lentamente fizer o último trânsito entre brandões e os cânticos dos sacerdotes, e o sino da torre com sua voz medonha escrever seu nome na lista dos mortos...

Dona Clara — Minha filha... Angélica, não me mates, que idéias são essas? Eu creio na tua virtude e cuido que tudo isto passará...

Angélica — Passará, decerto, mas tarde. Do que serve a verdade sentada sobre um túmulo?! Uma lição tão pequena, no centro de uma família, não aproveita à humanidade. Os fatos estrondosos da história não corrigem os homens, quanto mais cenas na escuridão do recanto de uma casa.

Firmino — Sim, minha querida tia, minha cara mãe. Tudo passará. O vento infernal que subleu toda esta nuvem há de parar, e a verdade, a inocência, resplandecerão com todo o brilho de sua glória. Um grande filósofo disse que o tempo é médico tardio, mas cura radicalmente todas as moléstias. Arnaud é o gênio da devastação, é Satanás no seio dos homens. Deus não deixará impune semelhante atentado. Banharei o meu braço no seu sangue, e com o sangue desse miserável hei de lavar a mancha que intentou lançar-me sua perfídia.

CENA XI

Firmino, Adolfo, Dona Clara e Cândida

Adolfo — Parabéns, parabéns, tudo vai a contento. Os eleitores são quase todos do nosso lado e o senhor doutor Firmino é o mais votado na freguesia!! Mas que é isto?! Que lágrimas são estas? Ah agora me lembra... É porque Arnaud saiu de casa e já lá se vai...

Firmino — Como? Já saiu desta casa?...

Adolfo — E lá vai em passo de galope. Há muito que ele andava doido, e eu já sabia que era plano velho. Não tinha aqui nem mesmo roupa para muda. Tudo estava fora, e creio que sairá amanhã no pacote.

Firmino — Não pode ser. Não tem passaporte, não foi anunciado, não pode fugir.

Adolfo — Com nome suposto, com passaporte falso. Há tantos meios... Por que, por que é essa fúria?!

Firmino — Covarde! Hei de embarcar-me com ele, melhor, e logo que ponha pé em terra me vingarei. A um homem como eu um covarde, ainda que se vá esconder no inferno, nunca escapará. Para que lado foi ele?

Adolfo — Que intentas? Foi para baixo, pela rua do Cano.

Firmino — Justiça do céu, valei-me... (Pega no chapéu e sai. Angélica dá um gemido horrível e Adolfo fica estupefato)

Fim do quarto ato

QUINTO ATO

Gabinete de Firmino

CENA I

Firmino

Firmino (Acabando de encaixotar os seus livros e pronto para mudar-se de casa. Olhando ternamente para os objetos) — Tudo está pronto, e amanhã este lugar de contemplação, este templo do estudo e da poesia será profanado pelas orgias, pelas gargalhadas satânicas que o vício desatará entre o fumo e os licores. Está consumada a obra da hipocrisia, da covarde hipocrisia, da víbora que me envenenou e sumiu-se por entre os espinhos! Que injustiça, meu Deus, que quadro horrível! O coração humano é um globo de cristal, um monumento de vidro que estala e despedaça-se ao sopro de um menino. Se as mágoas, se a dor profunda que me punge o coração não encontrasse o poderio de minha alma, essa força celeste que me suspende no meio deste infernal precipício, já eu tinha sucumbido... É muito, meu Deus, dai-me força, porque o ânimo me falece. O tempo, diz o velho Montaigne, é médico tardio, mas cura radicalmente todas as moléstias. Se estes incômodos domésticos, se estes quadros parciais não são proveitosos à humanidade, se não pertencem à moral eterna estas medonhas lições... O mundo é uma caverna escura de sonhos atropeladores, artefatos efêmeros, germinados pela vaidade, traçados por uma esperança horária, que surge para se enublar por entre trevas e rolar o homem no caos da desesperação! Para que serve uma reabilitação, depois que o ferro do carrasco separa o coração da mente? Do que serve a restituição dos bens quando a mortalha já envolveu seu dono e o alistou no mundo da morte? Do que serve o ouro ao moribundo?... Que importa à vítima, ao cadáver ou ao verme que habita o seu crânio, que se nutre de seu cérebro e se aviventa na sede, no sacrário onde outrora tantas harmonias a alma desprendia, onde a harpa celeste da poesia desferia esses concertos de pensamentos angélicos, esses hinos de adoração, esses êxtases, essas maravilhas que atestam a imortalidade?! Que importa à alma, que está nos céus, se uma mãe piedosa decepa os cardos, arranca o timbó venenoso que lhe encobria a campa e os substitui por flores e por louros e ciprestes?!... Acaso a boca do mundo, essa manivela que roda a esmo, que poda a virtude, que adorna o crime, que os alia, que os separa e, como um eco estulto, uma larva cega, caminha de rastros carcomendo as flores, envenenando a terra, poderá, em seus turbilhões desconstruídos, em suas inconseqüências, reparar tantos danos, acrisolar sua memória, aliviar sua purificação no mundo da eternidade?!... Não, a voz do mundo é o grito da matéria, a celeuma de uma orgia continuada, onde a mão da verdade, à força de séculos, pode apenas imprimir algumas de suas máximas sagradas. A glória, a história e a posteridade são a tríplice aliança de fantasmas, de mentiras e de ingratidões. A espada que se converte em rasoura de povos, de cidades, e que marcha como um raio destruidor à frente de bandidos disciplinados; a ponta do manto que apaga da ardósia da humanidade o nome de milhões de homens, não merecem minha veneração. A mentira repetida, os fastos do crime, o desdenhoso silêncio da modéstia e da virtude, esse catálogo de infâmias, esse foro de parcialidades, é como um espelho quebrado que fraciona todos os objetos que

reflete! E o que é a posteridade, esse gigante consolador das almas fracas e sonhadoras? Quais são as suas recompensas? Uma pedra que o escultor mutila, um canhão de bronze, um instrumento de morte que se transforma em uma estátua muda, que avulta numa praça e causa a admiração dos passantes, enquanto os filhos e netos do herói, da vítima dos contemporâneos, cobertos de andrajos, fogem envergonhados desse simulacro que parece aumentar sua decadência e miséria. Deus está nos céus, Satanás está na terra! A civilização, essa ladra da liberdade, é obra do inferno, é um parto do egoísmo! O que seria este cárcere de angústias, esta tortura perpétua das almas inocentes, esta prisão dos corações expansivos, este círculo de ferro que prende a verdade em sua órbita sagrada se a palavra de Cristo não tivesse erguido o Capitólio da virtude e o prêmio da inocência?!... Se a virgem que nascera no Calvário, de um suspiro exalado do alto da cruz, nos lábios desse Homem Deus, não viesse acobertar debaixo de seu manto sagrado tantos desgraçados, curar-lhes com seus gemidos o hino da esperança e recompensar seus trabalhos com esse triunfo de um descanso eterno?! Há vinte horas que a minha vida parecia um astro no meio dos céus, imperturbável numa órbita de harmonias, cheia de votos patrióticos, sem outros sonhos que não fosse a pátria... Essa pátria muda.... Ah, que tenho dito?! Delirei! Perdoa-me, gigantesco Amazonas, perdoa-me, formosíssimo Guaíba, montanhas de diamantes, terra de ouro, tesouro de belezas, paraíso inapreciável, nos desvios de minha cólera, um momento de esquecimento, uma blasfêmia! (Abre as janelas, aparece o céu todo estrelado. Respira, passeia duas voltas na câmara, olha para o céu, pára e diz:) Por que razão não criou Deus o homem como os astros? Por que não fez este universo num éter de pureza e um espaço de luz? Por que nos deu ele tantas paixões e a triste mortalidade? O céu se mostra hoje a meus olhos mais puro e mais brilhante que ontem, e contudo minha alma não o aplaude, não o acaricia com hinos de saudação!... Os meus sonhos de ontem, os delírios da minha vida, se desvaneceram! Mas a obra de Deus tem o cunho da perfeição. A humanidade também é um astro que viverá eternamente. Ah, vós que rodais no grêmio do infinito, também sentis vossas comoções, vossas revoluções, e também desapareceis do mundo dos céus! O que tem a cólera, a vaidade, a ambição, o amor, a felicidade, a desgraça, as paixões todas, de diferente do vulcão, do cataclismo, do meteoro que passa, do astro que se abalroa e despedaça outro astro, das estações, esse círculo variado da existência universal e de todas essas revoluções que se agitam no espaço?! Umas se operam num corpo, que chamamos homem; as outras num corpo que chamamos astro. Eu e o planeta percorremos duas órbitas: a minha no infinito das idéias, a dele no infinito do espaço; a minha é curta, a dele é longa. Filhas das mesmas leis, param quando o dedo de Deus lhes acena do alto: “— Basta!”.

CENA II

Angélica e Firmino

Angélica — Para ambos se sumirem no caos da morte.

Firmino — Prima! Que vem fazer aqui neste lugar?!

Angélica — Agravar a moléstia, apressar meus dias... Primo.

Firmino — E talvez dar o último toque a uma peripécia medonha que me causa horror, e que só de contemplar me estremeço. Uma suspeita, quando é agravada por provas tais, passa na boca do mundo por uma realidade.

Angélica — O tempo é médico tardio, mas cura radicalmente todas as moléstias.

Firmino — E os estragos da calúnia, as ruínas da vossa reputação?!

Angélica — A mão que escreveu um epitáfio pode apagá-lo e escrever outro. Seja eu inocente perante meus pais, o resto desprezo.

Firmino — Mas quando o tempo profunda as letras, são quase indelévels.

Angélica — O mesmo tempo as consumirá de todo. Mais vale o esquecimento que o desdouro.

Firmino — A tradição é um líquido que se decanta de vaso em vaso por muitos séculos.

Angélica — Mas nessas transições recebe matérias que o alteram. Parte se evapora na passagem, parte fica sem valor, e tudo se some afinal.

Firmino — Angélica, Angélica, deixai-me pelo amor de Deus...

Angélica — Sim, eu vos obedeco. Não quero, apesar de mulher, apesar da fraqueza do meu sexo, descer à sepultura sem cortar o nó górdio que tecera o inferno. Vós me conheceis, Firmino, vós já decifrastes algumas frases do livro de minha alma, sabeis que sou inocente, que somos inocentes, que somos vítimas de... (Chora) Eu devo falar claro.

Firmino — Angélica, onde colheste esse sublime caráter? Quem vos dita tão celeste moral?

Angélica — O am... O meu coração. (Pausa. Olha para Firmino fixamente) E quem vos dá, senhor, essa frialdade de mármore?

Firmino — O amor.

Angélica — O amor?! O amor inflama.

Firmino — Depois que se toca o cimo da pirâmide, a marcha é descer.

Angélica — Não eu. Ficarei olhando para o sol até que seus raios me ceguem, até que perturbada me precipite de suas alturas. A morte estará na base para receber em seus braços esta vida angustiada, a terra cobrirá meu corpo e a minha memória, a minha imagem, se riscará da idéia de todos os vivos.

Firmino — Que injustiça ao coração humano! E dizeis-me isto em face?

Angélica — Ah, Firmino! Ou tua alma é como mármore, que tem formas e não sente, ou é um vulcão que dorme e cuja cratera aferrolha um cadeado invencível.

Firmino — Angélica, Angélica, retira-te por piedade, foge de mim... Que eu não te posso ouvir mais...

Angélica — Eu vos obedeco. Mas, Firmino, um único favor... Um único bem, uma última prova de vossa afeição. Apertai esta mão moribunda com o calor da amizade. Seja este sinal o símbolo secreto de um sonho, de uma esperança baldada... E vou morrer contente. (Firmino reveste-se de coragem, dá um passo firme e estende-lhe a mão. Angélica a aperta. Olham-se ambos, ficam mudos e estáticos. Angélica quer largar a mão, quer ir-se. Firmino se agita pouco a pouco, começa a tremer, faltam-lhe as pernas e insensivelmente se ajoelha, beija a mão de Angélica com uma efusão expressiva. Ela treme a seu turno, quer fugir, ele a detém; separam-se, querem caminhar e ficam imóveis, olhando um para o outro) Adeus para sempre, Firmino. (Quer ir-se)

Firmino — Pára. Eu te amo, te idolatro como toda a natureza! (A garra na mão de Angélica) Angélica, meu anjo, eu te adoro como a saudade de minha mãe, como a lembrança de seu colo carinhoso. Todo eu sou Angélica!... A minha alma quer pensar, a minha boca quer falar... Ambos concordes, na fantasia a imagem, nos lábios o teu nome, me representam Angélica! Se no sono uma mão invisível, a mão de um querubim me toca o coração, um eco interno, que parte dos seios d'alma, pronuncia Angélica... Angélica, sonho de minhas venturas, delícia inefável de minhas esperanças, astro de minha vida!... Não posso, não posso mais... Quebrou-se a cadeia que me prendia... E o amor vitorioso triunfa da minha força. (Abraça-a, ela o abraça, mas recua de horror empurrando-o)

Angélica — Ô meu Deus, que fiz eu? (Fica estática, olhando para o chão e sem poder mover-se)

Firmino—Angélica, Angélica, repete que me amas, ouça o mundo inteiro o decreto da minha glória, e suba aos astros o monumento de meu esplendor.

Angélica — Deixa-me. (Como em delírio) Oh! Como a natureza e eloqüente, quando fala o coração!

Firmino — Quando amor fala. Angélica, tens força para resistir, e constância para esperar?

Angélica — Minha alma é como o universo, mas o meu corpo é como um junco abatido pelos tufões das tempestades. Tudo quando vês é o clarão extremo da lâmpada que expira! Sinto a morte passear em meus membros.

Firmino — Não; é a crise da esperança que luta entre os terrores do passado, é um dique de vida que se derrama em teu corpo com esse abalo medonho, é a febre da angústia que foge com suas asas de espinhos e ainda te fere a alma. Tu me pertences. Embora se sublevem mil nuvens, embora a mão do homem atravesse mil barreiras como braços de titãs, as leis são em nosso favor. Tu não serás vítima do tráfico, não serás a jóia de um tratado comercial, o algarismo de um cálculo, o penhor do egoísmo, a vítima da conveniência. (Apontando para o peito) Eis o teu sacrário; desdobra, meu anjo querido, as tuas asas diamantinas e transporta-me às regiões do céu; goteja, fonte de felicidade, o teu néctar de amor; dá-me a tua mão, a tua mão de esposa, e que este amplexo nos una para sempre e seja o laço eterno do nosso consórcio. (Abraçam-se)

CENA III

Dona Clara, Cândida, Firmino e Angélica

Dona Clara — Que vejo, meu Deus!

Cândida — Ingrata e falsa irmã, roubar-me o meu marido! (Firmino e Angélica se ajoelham aos pés de Dona Clara)

Dona Clara — Firmino, não vos posso desculpar; sangra-me o coração o vosso proceder. Cuidei que éreis um homem de honra, mas vejo, meu Deus, que sois um desgraçado.

Angélica — Honrado como a virtude. Eu é que sou a criminosa, a desgraçada.

Dona Clara — Não há tormentos no inferno para castigar tanta ingratidão. E tu também ousas, hipócrita, alçar a fronte em face de uma mãe que só te deu o exemplo da moral e do amor mais puro?

Angélica (Levantam-se os dois) — Minha mãe, respeite as virtudes e o amor puríssimo de meu esposo.

Cândida — De seu esposo? Que horror! E o que é ele meu?!

Angélica — Tu não nasceste para ele.

Cândida — Nem ele para ti.

Angélica — O céu decidiu em meu favor.

Cândida — Minha mãe, aceite o pedido do doutor Sandelico. Eu quero me casar com ele. Quero, nestes oito dias, e já e já, se é possível.

Angélica — Beijo-te as mãos; desligaste o voto, ele está livre... Céus, aplaudi tanta felicidade.

Dona Clara — Goza, goza do teu delírio, futura esposa de Jesus Cristo.

Firmino — Para um convento?!

Cândida — Sim, meu senhor, para Santa Teresa.

Dona Clara — Está decidido.

Firmino — Angélica, não temas; o farol da tolerância, o astro do progresso é precursor da geração que se eleva no Brasil. Esses cárceres do capricho paternal, esses sumidouros de tantas virgens, que poderiam ser mães e dar sábios ou heróis à pátria, serão destruídos pela mão da liberdade.

Dona Clara — Que liberdade, senhor doutor, é essa que protege a ingratidão, que deixa na impunidade a sacrílega desobediência dos filhos, promove a desunião, a desonra das famílias, e lança na frente veneranda dos pais o esgarço da ignomínia?! Ainda que nos custe a camisa do corpo — não será preciso, ao certo — havemos de triunfar.

Angélica — Mas eu não professarei; prefiro a morte.

Firmino — Até certo ponto, minha tia. Angélica, constância e coragem.

Cândida — Que é muito preciso para o convento.

Firmino — Nunca, nunca. Deus é o protetor dos infelizes.

Dona Clara — Eu sei em que se funda vossa arrogância. Essa e a recompensa que dais o vosso tio de vos fazer deputado. Mas antes que entreis para a câmara, Angélica será freira.

Firmino — Deputado, deputado, eu?! Estás salva, minha Angélica. Do alto da tribuna quebrarei os muros de ferro, a grade desses cárceres medonhos que sepultam tantas vítimas de um arrependimento eterno. Minha voz no parlamento será como as trombetas de Jericó: os alicerces do ergástulo da beleza, da virgem pudibunda cairão por terra com seus campanários e artesões gigantescos! No meio do estrondo das ruínas, dos gemidos do pavor, o meu braço te salvará! Não pronuncies o voto, evita um sacrilégio perante os céus e a terra, que serás minha. Não sepultes com um juramento tantos dotes, não roubes ao mundo o orgulho do teu sexo, nem risques da lista veneranda das matronas aquela que nasceu para dar filhos à pátria e educá-los nas máximas do heroísmo.

Cândida — Sim, senhor; mas ela não há de ir longe.

Firmino — Que importa! Seremos esposos. Angélica, se na vida, se nesta passagem de dores, os homens levantarem um oceano, eu nadarei; se cavarem um abismo, saltarei por cima; se edificarem um muro de ferro, eu o fundirei com o sopro da minha cólera; se abrirem um sepulcro, então toda a eternidade é nossa, e unidos no céu seremos mais felizes do que fomos na terra.

Angélica — Se amarrada como uma fera me conduzirem a essa casa de luto eterno, obedecerei, cederei às leis da força... Mas, ó momento de minha liberdade... Ferro, veneno, tudo empregarei; quero cerrar meus lábios com um acento de maldição. Imprecarei a justiça, a violência da barbaridade; do meu sangue se levantará um espectro horrível que perseguirá todos os traficantes de corações.

Firmino — Angélica, calma-te. As leis são em nosso favor; tua inocência te dará constância, e o teu amor, essa força sobrenatural do heroísmo. Cedo acabará o monopólio da hipocrisia, esse Valongo onde a amizade é substituída pelo interesse, o amor pelo egoísmo e a gratidão pela indiferença. Eu já vejo desmoronar-se esse pálido gigante da corrupção, e aprofundar-se nas catacumbas do passado.

Dona Clara — Todas as vossas declamações são relâmpagos sem raio. Uma filha desobediente é um demônio doméstico; uma filha depravada é um remorso animado que persegue dia e noite seus pais; uma filha que os envergonha, que infama suas faces com o ferrete da ignomínia, deve ser lançada fora do mundo, viva ou morta, pouco importa. É um anjo numa cela, a paz na sepultura e nunca a nódoa das famílias.

Angélica — Delírio desrespeitoso, minha querida mãe! Vossas lições de moral estão intactas, vosso exemplo tenho imitado, tudo conservei até hoje. Minha mãe, minha querida mãe, não me abandone, por quem é! Eu sou inocente... Não destrua esse

laço sagrado de vossa amizade e proteção, não quebre essa cadeia de amor celeste, de amor maternal; não converta o sangue numa quimera, a amizade num fantasma e o mundo num deserto! Então, desaparecerá a natureza.

Firmino — Orgulho do teu sexo, estrela das mulheres... Ah, tu não imprecarás teus filhos...

Angélica — Nunca abjurarei no altar da natureza. Oh! Quão grata me será a primeira lágrima do fruto do meu amor, do meu filho...

Dona Clara — Desgraçado do mundo, se os pais não pudessem enfrear os desatinos de seus filhos, se as leis não reprimissem os abusos da imoralidade, se a espada da justiça não perseguisse o abutre que se aninha no centro das famílias para devorar, à traição, a honra e a felicidade.

Firmino — Desgraçado do mundo se a suspeita e o capricho empunhassem o cetro das leis... Desgraçada sociedade seria aquela onde os sentimentos mais ternos estivessem sujeitos ao morgado da vontade individual, ao apanágio das conveniências! Angélica é um diamante lapidado pela Providência e encastado pela mão dos anjos. Aqueles que o colocarem numa frente impura, cometem um horrível sacrilégio e ofendem a justiça eterna.

Cândida — Angélica, obedece a minha mãe, não creias neste homem. Olha, o que ele me fez, logo te fará; eu não creio nestes seus discursos fingidos, nem creias no seu amor. Isto é capricho do momento!

Angélica — Ele nunca te amou, assim como Arnaud nunca me estimou. Pediu a minha mão no leito de morte, e eu cedi por piedade, e para consolá-lo. Ficou bom, viu meios de voltar, obrou como um indigno.

Firmino — Eu o descobrirei através do Oceano e lá irei pedir-lhe uma reparação na ponta de uma espada.

CENA IV

Antônio, Firmino, Angélica, Dona Clara e Cândida

Antônio — Cumpri a minha palavra; estou no meu dever Senhor doutor Firmino, dentro de meia hora estará Vossa Senhoria nomeado representante da nação brasileira: teve a maioria no colégio da cidade e seus arrabaldes. A minha casa da rua Direita está pronta e mobiliada, pode e já e já transportar-se para ela. No mundo viveremos juntos e representaremos o papel dos esposos infelizes. No centro da família, eterna separação.

Dona Clara — Senhor, o punhal da consternação dilacera o meu peito em extremo.

Cândida — A imprudência e o sarcasmo não podem ir mais longe.

Antônio — Mas que é isto, senhora? Que mudança, que sentimentos tão nobres são os vossos?! Há pouco defendíeis ainda aqui o senhor!!

Dona Clara — Preciso ver para crer. Por vossa honra, para nossa tranqüilidade, dai o castigo a quem merece.

Antônio — Eu não tenho maior castigo do que riscar da lista do coração dois ingratos.

Angélica — Meu pai, meu pai, por piedade...

Firmino — Tudo está pronto para eu sair; agradeço o aposento que me preparais. Eu vos esperava para vos dar um adeus, para vos agradecer tanta bondade. Meu tio, minha tia, nós somos inocentes; eu tenho dado provas de honra e de amizade.

Antônio — Senhor doutor, as nossas dívidas estão pagas. Estimarei muito que seja um adorno do parlamento e que a sua voz se levante sempre para proteger a moral e fazer prosperar o país. (Vai-se)

CENA V

Firmino, Dona Clara, Angélica e Cândida

Firmino — Minha tia, tudo está pronto para deixar esta casa, esta habitação da grandeza e da magnanimidade. Mas antes que me retire da morada daqueles que tanto amo, e que perfumarão a minha vida com o aroma mais grato ao coração humano; antes que vossos lábios pronunciem um anátema injusto sobre aquele que foi sempre vosso filho adotivo, sobre o desgraçado Firmino, sabeis que a última prova que me condena é a única do processo! O meu passado é um hino de gratidão e de amor; a minha alma era inocente, vagava nos espaços harmônicos, entre melodias, como esses pássaros das solidões dos bosques. Livre o coração, obediente à razão, ao dever, cristão na prática das máximas sagradas, vivia tranquilo nos meus sonhos... Veio a mão de um anjo, veio uma voz misteriosa desviar-me da senda plácida e encantadora em que deslizava a vida... Lutei, lutei bastante, minha adorada tia; a alma devorei com mil angústias, e quando pensava que triunfante sairia deste horrível combate, fui vencido na última hora, e vós o vistes. Ah, minha tia, minha senhora! A natureza, por uma cadeia misteriosa, por uma força oculta, por uma linguagem silenciosa, preparou este drama, sem que nos meus lábios, nas minhas ações, quase mesmo que no meu pensamento, aparecessem outros sinais que não fossem os da estima e veneração.

Dona Clara — E por que não recusastes a mão de Cândida? Sabeis perfeitamente que vossas vontades eram leis para nós, que noite e dia estudávamos os meios de realizar vossos pensamentos, de antecipar vossos desejos... Faltou-vos a franqueza de um homem de honra.

Firmino — Resisti, minha tia, resisti quanto me era possível.

Cândida — E por que não dissesstes que amáveis Angélica? Seria muito melhor do que fazer-me representar este triste papel.

Firmino — Porque eu não sabia que a amava tanto. Obedeci a meu tio, preendi minha liberdade por gratidão, mas o meu coração se levantou como um leão desesperado, como um gigante atraído, como Sansão, e desmoronou o monumento do passado, o trabalho de tantos anos, quando eu lhe dizia o último adeus. Estou inocente, (Ajoelha-se) Deus me ouve. Se o mundo me não perdoar, ele me perdoa. Minha tia, a sua mão, pela última vez, a sua mão. Não me recuse esta graça, se não (Tira o punhal de Gustavo) com este ferro acabarei meus dias.

Todos — O punhal de Gustavo!!... (Grande pausa)

Dona Clara — Firmino, aqui está a minha mão. (À parte) O punhal de meu filho!...

Angélica — Eu te ia pedir que mo desses depois, e que...

Dona Clara — Insensata! Não me assassines com tais idéias.

Firmino — Vitória vou bradar, cingirei a minha fonte de louros de rosas; caminharei altivo por entre os homens. Sinto um fogo celeste que me abrasa!... Minha tia, esta vossa generosidade não caiu no sumidouro de um ingrato; saio de vossa casa com a vossa bênção e entrarei para ela com o vosso amor. Mas... Meu tio! O meu adorado tio... Abraçado a seus pés abrandarei seu coração magnânimo, com minhas lágrimas lavarei o lodo com que estou salpicado... Minha tia, adeus; Cândida, perdoa-me; Angélica, um dia!... (Vai-se)

Angélica — Firmino, ah!... (Dá um grito estrondoso, cai numa cadeira e fica imóvel)

CENA VI

Dona Clara, Angélica e Cândida

Dona Clara — O que é isso, minha filha?!

Cândida — Minha mãe, olhe como ela está!

Dona Clara — Angélica, Angélica, minha filha! Meu Deus, meu Deus! O que tem esta menina?

Cândida — Minha mãe, eu não sei o que hei de fazer...

Dona Clara — Vai chamar teu pai, vai chamar Firmino...

CENA VII

Dona Clara e Angélica

Angélica (Levanta-se como um espectro, com os olhos voltados para o chão, torvos e imóveis; dá um passo e recua tremendo; rola os olhos por toda a casa e não vê nada, mas parece-lhe encontrar um objeto, que fixa; passa a mão pela fronte para aclarar a vista, pestaneja fortemente, parece-lhe ver, ouvir, e diz:) Que lúgubre harmonia; que sons terríveis! É o hino da morte!

Dona Clara — Angélica, minha filha, escuta tua mãe.

Angélica — Abre-se a sepultura! Como é funda, como é medonha! Como alvejam os ossos por entre a escuridão!

Dona Clara — Minha filha, o que é isso? Tu estás ao pé de tua mãe!

Angélica — Uma mortalha se levanta e se abre no ar! Vem para mim, quer me cobrir!... Não, não, eu não quero morrer; sou tão moça!... Mas que véu é este? Quem é que mo lança sobre a cabeça, quem mo espalha sobre as espáduas?!

Dona Clara — Cândida, Cândida, chama o Firmino, chama teu pai... Chama o teu pai... Chama o Firmino.

Angélica — É Firmino, ouvi a sua voz; é ele... Oh! Que luz é esta que se derrama com tanta suavidade? Que círios são estes? Sim, lá vejo... Muito ao longe... Lá está o altar, a coroa do himeneu, os votos do meu esposo, e Firmino como um anjo de felicidade, resplendente de luz, sorrindo-se, estendendo-me a sua mão querida... Eu vou, eu vou...

O destino voltou a negra página
No meu livro da vida! Mão celeste
As trevas rechaçou, que enegreciam
O ergástulo medonho de meus dias.
Oh! Que voz, que suave melodia,
Expande o céu, perfuma de ambrosia
Tristes mochos nas ruínas
Já não ouço piar!
Sinto nova harmonia,
Novo hino entoar.
Rompe o limbo dos céus
Entre nuvens de aroma,
O meu anjo, Firmino,
Que me enastra na coma
Este límpido véu,
Do tecido mais fino;
Com rosas do céu,
De aroma divino,
A fronte me adorna;
Sorri-se mimoso,

E perlas, rubins,
No colo me entorna...
E venturoso
Aos querubins
Celeste epitalâmio ordena, e rompe:
É tudo melodia no universo!
Tangendo co'asas lúcidas
Fazem os astros rodar,
E no trono etéreo os astros
Hinos estão a vibrar.
As luzes fogem p'ra o céu
Dos círios que ornar o altar,
E vão a frente c'roar
Do meu querido Firmino!
Mas eis que as vejo voltar!...

Ei-las, ei-las que passam, transformadas em estrelas sobre a cinta esmaltada do arco-íris!

Dona Clara — Angélica, minha querida filha, tu deliras?!...

Angélica — Cada uma tem seu nome, oh! Como é bela! Amor!... Está inflamada em uma luz de sangue... Parece um rubim, parece o sol no ocaso! Esta é mais branda, tem uma luz tão branca, e não muda de cor! Fidelidade, acompanhada por um anjo! Como ela voa, que sorriso de inocência reveste seu rosto! Prosperidade, prosperidade... É cor de ouro, também traz um anjo! Como em suas faces brilha o vigor, como a primavera da vida, a saúde resplende em seu semblante! Amizade! Presa por uma cadeia tão longa de outras estrelas!... Respeito, obediência!... Que gravidade! (De joelhos olhando para Dona Clara) Eis o meu anjo salvador...

Dona Clara — Sim, minha querida filha... a tua mãe, Angélica.

Angélica — Como é suave a sua voz! Como ele pronuncia o meu nome, sem ter habitado a Terra!!! Oh, como o céu é belo, que luz tão grande, que clarão que me cega! (Recua e levanta-se; tapa os olhos com as mãos, e destapando-os diz:) O meu anjo, o meu anjo! Onde está? Ali, ali... (Encaminha-se) ali alveja! Firmino! Um esqueleto! Ah! (Cai como morta)

Dona Clara — Meu Deus, amparai uma mãe desgraçada.

CENA VIII

Dona Clara, Angélica, Antônio, Firmino e Cândida

Antônio — O que é isto, senhora! Minha filha!... Minha querida Angélica!... (Firmino chega-se à doente, examina-a, e com Antônio a deitam num sofá)

Dona Clara — Doutor, doutor? A nossa Angélica...

Firmino — Vive, mas eu não tenho cabeça para nada. Já volto; desapertem-lhe os vestidos.

CENA IX

Dona Clara, Angélica, Antônio e Cândida

Dona Clara — Fria como a morte.

Antônio — Mas que teve ela?

Dona Clara — Um delírio! Não sei como não morri de dor.

Cândida — Se lhe desse água-de-colônia a cheirar?

Dona Clara — Sim, tens razão; vai buscar.

Antônio — Não, porque Firmino o teria feito. Esperemos.

Dona Clara — Que horrível drama em nossa casa, senhor Antônio! Como sua alma não terá sofrido!

Antônio — Tudo está esclarecido. Firmino é um homem de honra, Arnaud um hipócrita e Gustavo um filho desgraçado.

Dona Clara — Que diz, senhor Antônio?! Conte-me tudo, porque eu morro...

Antônio — Aí vem Firmino.

CENA X

Firmino e um **Médico Velho** (e **Dona Clara**, **Antônio** e **Cândida**)

Firmino — Aqui a tem, senhor doutor.

Médico Velho — Deus esteja nesta casa. (Vai para Angélica, examina-a; Firmino beija a mão de Antônio, e Dona Clara encosta-se ao leito) Não lhe sinto pulso, a face está decomposta, o frio da morte gira por todo o seu corpo.

Dona Clara — Meu Deus, que ouço! (Abraça-se com Antônio) Já não temos a nossa filha, a nossa querida Angélica.

Antônio — Como o prazer se tornou a converter em dor! Firmino, em vez de apertar nos braços a sua esposa, encontra um cadáver. Não sei como não morro.

Cândida — Minha pobre irmã, eu te perdôo.

Médico Velho — Se tentássemos uma sangria?

Firmino — Não sou do seu voto, meu colega. Angélica não está morta; é impossível que um anjo morra. Uma criatura celeste, como poderia acabar assim repentinamente? Seria uma injustiça, e Deus é justíssimo.

Médico Velho — Então o que pensa? Não lhe ocorre alguma meio? Porque eu vejo o caso perdido.

Firmino — A desesperação me perturba.

Dona Clara — Pois, meu Deus, a arte de curar é tão impotente, que não pode atalhar a morte?!

Médico Velho — Só Deus o pode; nós fazemos o que podemos. Colega, eu vou tentar-lhe a sangria.

Firmino — Oponho-me, meu colega, oponho-me; sinto uma voz interna, um pressentimento que me diz: “Tu inda abraçarás a tua esposa, a tua nobre Angélica.” Uma inspiração! É Deus quem me protege. (Vai a uma de suas malas, tira um estojo, abre-o, tira um vidro, entrega-o a dona Clara) Minha tia, já e já esfregue-lhe no lado do coração, e com esta escova faça-lhe uma fricção nos braços e no peito. É um específico maravilhoso.

Dona Clara — Vós podereis... Ajudar-me.

Firmino — Minha prima que o faça; não posso, não devo, não tenho forças nem cabeça. Dê-lho a cheirar primeiramente. Mas não; devo ser eu, devo ser o próprio, o primeiro a recolher o seu suspiro de vida, a espelhar-me nos seus olhos; a delirar no meu sorriso, a ouvir a sua primeira palavra. (Toma o vidro de d. Clara, vai ao sofá. Todos se chegam e Firmino encosta-lhe o vidro no nariz)

Médico Velho (À parte) — Está bem aviado. Tenho lido e relido Cullen, o Vademecum, o meu adorado Plenck; nunca encontrei remédio para a morte. Esse

elixir da moda é das tais modernices que engodam os papalvos. Está morta e mais que morta, ou eu sou um grande...

Firmino — Respira!

Dona Clara — Outra vez!

Cândida — Agora foi mais forte!

Antônio — Moveu os lábios!

Médico Velho — O que é isso, o que é isso lá?!

Firmino — Abriu os olhos! Retirem-se. (Firmino a sustenta, e ela assenta-se, olha para todos, que limpam as lágrimas de prazer)

Médico Velho (À parte) — Sabe fingir morte perfeitamente; é como se pode explicar este fenômeno. Já ouvi dizer que um coronel inglês fizera o mesmo, mas tanto fez, que se foi.

Firmino — Angélica!

Dona Clara — Minha filha!

Angélica — Como estou aqui?! Pois eu não me assentei ali?! Pois Firmino não me disse adeus? Não se separou de mim? Não me disse “Angélica, um dia!”?

Firmino — Tudo é verdade, assim como o que estás vendo.

Dona Clara — Senhor Antônio, eu vou dizer-lhe as vossas novas determinações.

Firmino — É cedo ainda.

Médico Velho (À parte) — Charlatanismo. Ela não tinha nada, isso eu logo vi apenas entrava pela sala. Meus senhores, boa-noite, eu já não sou preciso. Colega, não tinha a fortuna de o conhecer e admirar os seus talentos.

Antônio (Metendo-lhe um embrulho de dinheiro na mão) — Senhor doutor, mil vezes obrigado por tanto favor; esta casa está às suas ordens.

Médico Velho — Fui chamado por um colega...

Antônio — Eu é que sou o dono da casa; espero da sua delicadeza que não me desfeiteis.

Médico Velho — Fiat voluntas tua.

Firmino — Meu colega, muito obrigado pelo incômodo.

Cândida — De que museu viria este lagarto? (Vai-se o médico)

CENA XI

Adolfo, Gustavo, Firmino, Antônio, Dona Clara, Angélica e Cândida

Adolfo — Aqui o trago apadrinhado. Todo eu sou um composto de boas novas, uma trombeta de alegria. Então, vencemos ou não? Mas que tem esta menina, teve algum incômodo grave?

Dona Clara — Um ataque muito forte; mas passou, graças a Deus.

Gustavo (Ajoelhando-se aos pés do pai) — Perdoe-me, meu pai, eu sou culpado. Minha mãe, perdoe-me porque estou arrependido.

Adolfo — Vamos aos outros, como prometeste; quero isto em pratos limpos.

Gustavo — Meu primo...

Firmino — Meu irmão. (Aperta-lhe a mão)

Angélica — Seu irmão? Que ouço?

Gustavo — Angélica, não te caluniei, não, na minha carta; julguei que o primo havia divulgado o meu segredo... Cri Arnaud, é verdade, fui um desgraçado.

Firmino — E o que é feito desse monstro? Perdoa-me, Angélica.

Adolfo — Tomou o nome de monsieur de Naudar, e fugiu em regra.

Firmino — Infame.

Angélica — Gustavo, meu irmão, não jogues mais; dá-me um abraço... Eu te quero tanto bem.

Antônio — Senhores, eu também ofendi Firmino; também fui acessível à intriga de um refinado hipócrita, de um homem que me soube enganar dia e noite por alguns anos, e devo uma reparação ao senhor doutor Firmino. Esta reparação é a sua união com Angélica, o título de meu filho e cem contos de réis para seus alfinetes. Gustavo, tenho cumprido um dever. Sabes tu o que é um jogador?

Gustavo — Meu pai...

Antônio — O jogador é a peste da sociedade, o cancro das famílias. A roleta e o punhal são os diplomas que elevam o homem ao cadafalso... Filho desgraçado...

Angélica (Correndo e tapando a boca do pai com uma mão e abraçando-o com a outra) — Perdão, perdão, meu pai, ele se há de arrepender; perdão neste dia de júbilo, nesta hora de vida, neste momento de aliança eterna. Meu caro pai, minha querida mãe, meu tio, minha Cândida, entreguem-me a mão de Firmino, seja eu sua esposa um momento, pouco me importa a vida. (Firmino se chega, e dona Clara, segurando-lhe na mão, a põe sobre a de Angélica) Agora só me resta implorar um perdão, minha querida mãe, do que há pouco disse... Lembra-me que na minha desesperação... Ah! minha querida mãe... não se recorde mais disso e tu, Cândida, perdoa a tua irmã... Sim, perdoa-lhe... A boca excedeu muito além do coração.

Firmino — Esta hora é minha, e o inferno não me pode arrancar. (Para Angélica) Tu que, envolta no manto da inocência, respiravas a fragrância do lírio da pureza, virgem donosa, meu anjo de candura, aceita a minha mão... Ah! Se eu tivesse uma alma tão grande como o universo, uma adoração tão santa, tão profunda como os justos perante o Criador... Se eu tivesse o gênio de Homero, a força de Sansão, o pincel de Rafael, a espada de Napoleão, a formosura de um anjo, então eu era digno de ti, que só és capaz de ser amada por um coração tão grande como o meu!

Dona Clara — Deus escreve direito, mesmo por linhas tortas.

Angélica — Eu sinto aqui no peito uma coisa, sinto em minha alma um novo universo, vejo uma nova luz, que só poderia ser proferida por uma nova linguagem. Firmino, tu és um grande homem.

Antônio — A verdade é o ponto que deve marcar o barômetro da vida em todas as ocasiões. Sinto um peso no coração, sinto um remorso que me embarga todo o prazer. Firmino, as vossas curtas palavras foram um raio do céu, que veio rasgar essa nuvem pejada de sugestões pífidas, manobradas por um homem que sabe enredar, e cujo frio caráter, mansidão na voz, fingida modéstia, eram capazes de enganar um anjo! Esta carta que hoje recebi dele, e esta que Gustavo lhe escrevera em resposta de uma sua, e que ele — pérfido! — teve o cuidado de me enviar...

Gustavo — Meu pai, foi ele, foi Arnaud que me disse tudo isso; eu aqui tenho outra longa carta que ele me escreveu, aqui está ela...

Antônio — Aqui estão, Firmino... E... Perdoa-me.

Firmino — Eis o seu uso. (Rasga-as) Se eu pudesse fazer o mesmo... Minha tia, perdoe-me aquelas palavras, aqueles discursos de um homem apaixonado; eu já pedi perdão a Deus de minhas blasfêmias, de me haver precipitado como um louco contra o asilo da virtude, contra o remanso da santidade. Cândida, perdoa-me...

Dona Clara — Que barulho é este pela escada?!

Firmino — Ouço um grande tropel!

Antônio — Quem será?

CENA XII

Firmino, Angélica, Antônio, Adolfo, Dona Clara, Gustavo, Cândida e Pompeu

(Pompeu fica parado na porta, tendo uma salva de ouro com uma coroa de louros em cima; muitas pessoas vestidas decentemente o acompanham)

Pompeu — Augusto e digníssimo senhor Representante da Nação Brasileira, dá licença?

Firmino — Podem entrar, meus senhores.

Pompeu — Em nome dos nossos amigos, dos nossos aliados, do Partido Conservador, vos venho oferecer esta coroa. Seja a vossa missão edificar, seja a vossa carreira um manancial de prosperidade, e os vossos talentos os títulos de vossa glória. Aceitai estes louros como o prognóstico, como o símbolo de vossos futuros triunfos.

Firmino (Dando a coroa a Angélica) — A esposa do cavalheiro é a guarda de seus louros. Meus senhores, a minha missão será a de um idealista. Neste dia triunfal, de amor e de glória, começa uma nova vida, a estréia de um mundo que será repartido entre a pátria e a esposa. Não me falta entusiasmo, não me falta coragem. Trabalharei com aquele fanatismo patriótico que sinto abrasar-me, sem ter glória em ser senhor, sem ter honra em ser escravo. Realizarei minhas promessas, e assim o não fizer, seja eu indigno da pátria e indigno de Angélica.

Pompeu — Viva a prosperidade do império do Brasil!

Todos — Viva, viva, viva!!!

(Toca o hino nacional, no fundo do Teatro, e todos se abraçam de contentes)

Fim do quinto e último ato